

Formação Mediúnica III

A PREPARAÇÃO DO PSICÓGRAFO E FUNÇÕES DA EPÍFISE

1. LIVRO

“Missionários da Luz” – Caps. I e II.

2. LOCAL

Centro Espírita na crosta terrestre, onde o Espírito Alexandre funcionava como orientador.

3. SERVIÇOS

Comunicação com mentores.

4. DESCRIÇÃO DO AMBIENTE

Dentre as dezenas de cadeiras dispostas em filas, somente dezoito permaneciam ocupadas por pessoas terrestres autênticas. As demais atendiam à massa invisível aos olhos comuns do plano físico.

Grande assembléia de almas sofredoras. Público extenso e necessitado.

Fios luminosos dividiam os assistentes da região espiritual em turmas diferentes. Cada grupo exibia características próprias. Em torno das zonas de acesso postavam-se corpos de guarda; e compreendi – escreve André Luiz – pelo vozerio do exterior, que, também ali, a entrada dos desencarnados obedecia a controle significativo. As entidades necessitadas, admitidas ao interior, mantinham discrição e silêncio.

5. FENÔMENOS LUMINOSOS NA CONCENTRAÇÃO DE PENSAMENTO

Enquanto Alexandre falava para o grupo espiritual, com o coração nas palavras – continua André Luiz – os dezoito companheiros encarnados demoravam-se em rigorosa concentração do pensamento, elevado a objetivos altos e puros. Era belo sentir-lhes a vibração particular. Cada qual emitia raios luminosos, muito diferentes entre si, na intensidade e na cor. Esses raios confundiam-se à distância aproximada de sessenta centímetros dos corpos físicos e estabeleciam uma corrente de força bastante diversa das energias de nossa esfera. Essa corrente não se limitava ao círculo movimentado. Em certo ponto, despejava elementos vitais, à maneira de fonte miraculosa, com origem nos corações e nos cérebros humanos, que aí se reuniam. As energias dos encarnados casavam-se aos fluidos vigorosos dos trabalhadores de nosso plano de ação, congregados em vasto número, formando precioso armazém de benefícios para os infelizes, extremamente apegados às sensações fisiológicas.

Semelhantes forças mentais não são ilusórias, como podem parecer ao raciocínio terrestre, menos esclarecido quanto às reservas infinitas de possibilidades além da matéria mais grosseira.

6. DIFICULDADES DE ENCONTRAR MÉDIUM PREPARADO

– Temos seis espíritos comunicantes prováveis – disse Alexandre a André Luiz – mas apenas compareceu um médium em condições de atender. Desde já, portanto, somos obrigados a considerar que o grupo de aprendizes e obreiros terrestres somente receberá o que se relacione com o interesse coletivo. Não há possibilidade para qualquer serviço extraordinário.

7. CONDIÇÕES PRÓPRIAS QUE O MÉDIUM DEVE ESTABELEECER

Renúncia de si mesmo, com abnegação e humildade. O médium não é um simples aparelho... Necessita calar para que outros falem; dar de si próprio para que outros recebam. Em suma, deve servir de ponte onde se encontrem interesses diferentes. É responsável pela manutenção dos recursos interiores tais como a tolerância, a humildade, a disposição fraterna, a paciência e o amor cristão.

8. VISÃO ESPIRITUAL DO ORGANISMO DO PSICÓGRAFO – O ÚNICO MÉDIUM PREPARADO

Meu poder de apreensão visual supera os Raios X – prossegue André Luiz –, com características muito mais aperfeiçoadas.

As glândulas do rapaz transformam-se em núcleos luminosos, à guisa de perfeitas oficinas elétricas. Detive-me, porém, na contemplação do cérebro em particular. Os condutores medulares formavam extenso pavio, sustentando a luz mental como chama generosa de uma vela de enormes proporções. Os centros metabólicos infundiam-me surpresas. O cérebro mostrava fulgurações nos desenhos caprichosos. Os lobos centrais lembravam correntes dinâmicas. As células corticais e as fibras nervosas, com suas tênues ramificações, constituíam elementos delicadíssimos de condução das energias recônditas e imponderáveis. Nesse concerto, sob a luz mental indefinível, a epífise emitia raios azulados e intensos.

Todo o centro glandular era uma potência elétrica.

– No exercício mediúnico de qualquer modalidade – explicou Alexandre – a epífise desempenha o papel mais importante. Através de suas forças equilibradoras, a mente humana intensifica o poder de emissão e recepção de raios peculiares à nossa esfera. É nela, a epífise, que reside o sentido novo dos homens; entretanto, na grande maioria deles a potência divina dorme embrionária.

9. A IMPROVISAZÃO DO ESTADO RECEPTIVO

Transmitir mensagens de uma esfera para a outra, no serviço da edificação humana, – explicou Alexandre – demanda esforço, boa vontade, cooperação e propósito consistente. É natural que o treinamento e a colaboração espontânea do médium facilitem o trabalho; entretanto, de qualquer modo, o serviço não é automático... Requer muita compreensão, oportunidade e consciência.

Acredita que o intermediário – perguntou – possa improvisar o estado receptivo? De nenhum modo. A sua preparação espiritual deve ser incessante. Qualquer incidente pode perturbar-lhe o aparelhamento sensível, como a pedrada que interrompe o trabalho da válvula receptadora.

10. COOPERAÇÃO MAGNÉTICA ESPIRITUAL AO ORGANISMO DO MÉDIUM ANTES DA COMUNICAÇÃO

Deslocando, porém, a sua atenção do cérebro para a máquina corpórea em geral, Alexandre prosseguiu:

– A operação da mensagem não é nada simples, embora os trabalhadores encarnados não tenham consciência de seu mecanismo intrínseco, assim como as crianças, em se fartando no ambiente doméstico, – não conhecem o custo da vida ao sacrifício dos pais. Muito antes da reunião que se efetua, o servidor já foi objeto de nossa atenção especial, para que os pensamentos grosseiros não lhe pesem no campo íntimo. Foi convenientemente ambientado e, ao sentar-se aqui, foi assistido por vários operadores de nosso plano. Antes de tudo, as células nervosas receberam novo coeficiente magnético, para que não haja perdas lamentáveis do tigróide (corpúsculos de Nissl), necessário aos processos da inteligência.

O sistema nervoso simpático, mormente o campo autômato do coração, recebeu auxílios enérgicos e o sistema central foi convenientemente atendido, para que não se comprometesse a saúde do trabalhador de boa vontade. O vago foi defendido por nossa influência contra qualquer choque das vísceras. As glândulas supra-renais receberam acréscimo de energia, para que se verificasse acelerada produção de adrenalina, de que precisamos para atender ao dispêndio eventual das reservas nervosas.

11. ATUAÇÃO DOS ESPÍRITOS NO PROCESSO DA COMUNICAÇÃO

Após as intervenções magnéticas anteriormente descritas, André Luiz continua suas observações:

– Vi que o médium parecia quase desencarnado.

Suas expressões grosseiras de carne haviam desaparecido do meu olhar, tamanha a intensidade da luz que o cercava, oriunda de seus centros perispirituais. Calixto, o espírito comunicante, escolhido entre os seis designados para a noite, sentou-se ao lado do médium, que o recebeu com evidente sinal de alegria. Enlaçou-o com o braço esquerdo e alçando a mão até o cérebro do rapaz, tocava-lhe o centro da memória com a ponta dos dedos, como a recolher o material de lembranças do companheiro. Pouco a pouco, vi que a luz mental do comunicante se misturava às irradiações do trabalhador encarnado. A zona motora do médium adquiriu outra cor e outra luminosidade. Alexandre aproximou-se da dupla em serviço e colocou a destra sobre o lobo frontal do colaborador humano, como a controlar as fibras inibidoras, evitando quanto possível as interferências do aparelho mediúnico.

Calixto mostrava enorme alegria no semblante feliz de servo que se regozija com as bênçãos do trabalho, e, dando sinais de profunda gratidão ao Senhor, começou a escrever, apossando-se do braço do companheiro e iniciando o serviço com as belas palavras:

– “A paz de Jesus esteja convosco!”

12. OBSERVAÇÕES DA EPÍFISE

a) Fenômenos luminosos

Quanto mais notava as singularidades do cérebro – prossegue André Luiz – mais admirava a luz crescente que a epífise deixava perceber. A glândula minúscula transformava-se em núcleo radiante e, em derredor, formavam os seus raios um lótus de pétalas sublimes.

Examinei atentamente os demais encarnados. Em todos eles, a glândula apresentava notas de luminosidade, mas em nenhum brilhava como no intermediário em serviço.

Sobre o núcleo, semelhante agora a flor resplandecente, caíam luzes suaves do mais alto, reconhecendo eu que ali se encontravam em jogo vibrações delicadíssimas, imperceptíveis para mim.

b) Funções conhecidas

Estudara a função da epífise nos meus apagados serviços de médico terrestre. Segundo os orientadores clássicos, circunscreviam-se suas atribuições ao controle sexual no período infantil. Não passava de velador dos instintos, até que as rodas da experiência sexual pudessem deslizar com regularidade pelos caminhos da vida humana. Depois decrescia em força, relaxava-se, quase desaparecia, para que as glândulas genitais a sucedessem no campo da energia plena.

Minhas observações, ali, entretanto, contrastavam com as definições dos círculos oficiais.

c) Funções ainda desconhecidas pelos homens

(Trechos das instruções de Alexandre)

É a glândula da vida mental.

É a fonte criadora e válvula de escapamento.

- Aos 14 anos, aproximadamente, reabre seus mundos maravilhosos de sensações e impressões na esfera emocional – decorrendo daí que a criatura entrega-se à recapitulação da sexualidade, examina o inventário de suas paixões vividas noutra época, que reaparecem sob fortes impulsos.

- Desata, de certo modo, os laços divinos da Natureza, os quais ligam as existências umas às outras, na seqüência de lutas pelo aprimoramento da alma e deixa entrever a grandeza das faculdades criadoras de que a criatura se acha investida.

- Segregando delicadas energias psíquicas, a glândula pineal conserva ascendência em todo o sistema endócrínico.

- Ligada à mente, comanda as forças subconscientes, sob a determinação direta da vontade.

- As redes nervosas constituem-lhe os fios telegráficos para ordens imediatas a todos os departamentos celulares.

Sob sua direção, efetuam-se os suprimentos de energias psíquicas a todos os armazéns autônomos dos órgãos.

- Segregando “unidades-força” pode ser comparada a poderosa usina, que deve ser aproveitada e controlada, no serviço de iluminação, refinamento e benefício da personalidade e não relaxada em gasto excessivo do suprimento psíquico, nas emoções de baixa classe.

– As glândulas genitais segregam os hormônios do sexo, mas a glândula pineal segrega “hormônios psíquicos”, ou “unidades-força” que vão atuar de maneira positiva nas energias geradoras. Os cromossomos da bolsa seminal não lhe escapam à influência absoluta e determinada.

– Recrear-se no charco das sensações inferiores, à maneira dos suínos, é retê-la nas correntes tóxicas dos desvários de natureza animal, e, na despesa excessiva de energias sutis, muito dificilmente consegue o homem levantar-se do mergulho terrível nas sombras, mergulho que se prolonga além da morte corporal. Em vista disso, é indispensável cuidar atentamente da economia de forças, em todo serviço honesto de desenvolvimento das faculdades superiores.

– Contra os perigos possíveis, na excessiva acumulação das forças nervosas, como são chamadas as secreções elétricas da epífise, aconselharam aos moços o uso do remo, da bola, do salto, da barra, da corrida à pé. Desse modo, preservam-se os valores orgânicos, legítimos e normais, para as funções da hereditariedade. A medida, embora satisfaça em parte, é, contudo, incompleta e defeituosa.

– O homem vive esquecido de que Jesus ensinou a virtude como esporte da alma, e nem sempre se recorda de que, no problema do aprimoramento interior, não se trata de retificar a sombra da substância e sim a substância em si mesma.

– Do lastimável menosprezo a esse potencial sagrado, decorrem os dolorosos fenômenos da hereditariedade fisiológica, que deveria constituir, invariavelmente, um quadro de aquisições abençoadas e puras. A perversão do nosso plano mental consciente, em qualquer sentido da evolução, determina a perversão de nosso psiquismo inconsciente, encarregado da execução dos desejos e ordenações mais íntimas.

– A vontade desequilibrada desregula o foco de nossas possibilidades criadoras. Daí procede a necessidade de regras morais para quem, de fato, se interessa pelas aquisições eternas nos domínios do Espírito. Renúncia, abnegação, continência sexual, disciplina emotiva, não representam meros preceitos de feição religiosa. São providências de teor científico para enriquecimento efetivo da personalidade. Nunca fugiremos à Lei, cujos artigos e parágrafos do Supremo Legislador abrangem o Universo.

– Seria mais interessante encerrar todas as experiências do sexo, sepultar as possibilidades do renascimento carnal? – Semelhante indagação é improcedente. Ninguém deve agir contra a lei. O uso respeitável dos patrimônios da vida, a união enobrecedora, a aproximação digna, constituem programa de elevação. É portanto indispensável distinguir entre harmonia e desequilíbrio, evitando o estacionamento em desfiladeiros fatais.

RECURSOS PLÁSTICO E CORRENTE MAGNÉTICA

1. LIVRO

Missionários da Luz – Cap. XVII.

2. QUADRO DE TRABALHO

A pedido de uma mãe afetuosa, que há 10 anos, como espírito que era, induzia seu filho Marinho, ex-sacerdote, também desencarnado, a situações de esclarecimento e iluminação, sem resultado, o instrutor Alexandre dispôs-se ao concurso efetivo no auxílio de doutrinação e esclarecimento do mesmo. Inteirou-se, antes, de que Marinho já apresentava sinais evidentes de transformação interior, pois se antes comprazia-se nas atividades do mal, com entusiasmo, atualmente já sentia tédio nesta posição de desequilíbrio, e por vezes já era conduzido pela mãe à prece solitária, embora sem afastar-se de um fundo de rebeldia. Tal condição de melhoria foi considerada primordial por Alexandre para que se dispusesse ao concurso ativo, colaborando no esclarecimento.

3. LOCAL DO ATENDIMENTO

Grupo Espírita, onde Otávia era médium. Senhora idosa, excelente colaboradora dos serviços espirituais, e que seria veículo do atendimento pelos processos da incorporação.

4. O MOTIVO DO ATENDIMENTO NUM GRUPO ESPÍRITA, NA CROSTA

– Por que a doutrinação em ambiente dos encarnados? Indaga André Luiz – Semelhante medida é uma impossibilização no trabalho desse teor?

– Não – explicou o instrutor Alexandre –, não é recurso imprescindível. Temos variados agrupamentos de servidores do nosso plano, dedicados exclusivamente a esse gênero de auxílio. As atividades de regeneração em nossa colônia estão repletas de institutos consagrados à caridade fraternal, no setor de iluminação dos transviados. Os postos de socorro e as organizações de emergência, nos diversos departamentos de nossas esferas de ação, contam com avançados núcleos de serviços da mesma ordem. Em determinados casos, a cooperação do magnetismo humano pode influir mais intensamente em benefício dos necessitados que se encontrem cativos das zonas de sensação, na Crosta do Mundo. Mesmo aí, contudo, a colaboração dos amigos terrenos, embora seja apreciável, não constitui fator absoluto e imprescindível; mas, quando é possível e útil, valemo-nos do concurso de médiuns e doutrinadores humanos, não só para facilitar a solução desejada, senão também para proporcionar ensinamentos vivos aos companheiros envolvidos na carne, despertando-lhes o coração para a espiritualidade.

5. CADEIA MAGNÉTICA DOS TRABALHOS DE DESOBSESSÃO

Em breves minutos – prossegue André Luiz – penetramos no conhecido recinto de orações e trabalhos espirituais.

Observei que muitos servidores de nossa esfera mantinham-se de mãos dadas, formando extensa corrente protetora da mesa consagrada aos serviços da noite. O quadro era para mim uma novidade.

Alexandre, porém, explicou:

– Trata-se da cadeia magnética necessária à eficiência de nossa tarefa doutrinária. Sem essa rede de forças positivas, que opera a vigilância indispensável, não teríamos elementos para conter as entidades perversas e recalitrantes.

O instrutor, porém – prossegue André Luiz – fez-me perceber que a hora não comportava conversações e, auxiliando Necésio, localizou Marinho dentro do círculo magnético, onde, com surpresa, verifiquei a presença de vários desencarnados sofredores, trazidos por outros pequenos grupos de amigos espirituais, e que, por sua vez, aguardavam a oportunidade de doutrinação.

6. DENTRO DO CÍRCULO MAGNÉTICO, ANTES DA INCORPORAÇÃO

Sentindo, agora, o ambiente em que se achava, Marinho quis recuar, mas não pôde. A fronteira vibratória estabelecida pelos colaboradores do plano espiritual, à reduzida distância da mesa de fraternidade, impedia-lhe a fuga.

– Isto é um logro! – clamou revoltado.

– Sossegue, respondeu-lhe Necésio, um dos auxiliares de Alexandre – Você conquistará grande alívio. Espere!

– Não quero! Não quero! – bradava o infeliz.

– Poderá adivinhar a procedência do socorro de hoje? Perguntou Necésio, o auxiliar do esclarecimento.

O sacerdote desencarnado fixou nele os olhos tomados de expressão terrível, mas Necésio, sem perder a calma, falou, depois de uma pausa mais longa:

– Sua mãe!

Marinho escondeu o rosto nas mãos e prorrompeu em pranto angustiado. Seu estado vibratório impedia-o de ver a mãe, que há longo tempo lutava pela sua reabilitação.

7. MATERIALIZAÇÃO DE ESPÍRITO, PARA ESPÍRITO VER

7.1. Preparativos para a médium Otávia

Secundado por diversos auxiliares, Alexandre prestava ao organismo de Otávia o máximo de concurso fraterno, em cotas abundantes de recursos magnéticos, necessários aos fenômenos de incorporação do espírito necessitado.

7.2. Incorporação de Marinho

Daí a minutos, providenciava-se a incorporação de Marinho, que tomou a intermediária sob forte excitação. Otávia, provisoriamente desligada dos veículos físicos, mantinha-se agora confusa, em vista de encontrar-se envolvida em fluidos desequilibrados; todavia, a assistência que recebia dos amigos do plano espiritual – explica André Luiz – era grande.

7.3. Doutrinação

Um instrutor de elevada condição hierárquica substitui Alexandre junto da médium passando Alexandre a inspirar diretamente o colaborador encarnado, que dirigia a reunião.

7.4. Coleta de forças mentais

Enquanto isto ocorria, vários ajudantes de serviço recolhiam as forças mentais emitidas pelos irmãos presentes, inclusive as que fluíam abundantemente do organismo mediúnico – comenta André Luiz.

7.5. Significado da coleta

Esse material, – explicou um dos técnicos da atividade do setor a André Luiz – representa vigorosos recursos plásticos – para que os benfeitores de nossa esfera se façam visíveis aos irmãos perturbados e aflitos ou para que materializem provisoriamente certas imagens ou quadros, indispensáveis ao reavivamento da emotividade e da confiança nas almas infelizes. Com os raios de energia, de variada expressão emitidos pelo homem encarnado, podemos formar certos serviços de importância para todos aqueles que se encontrem presos ao padrão vibratório do homem comum, não obstante permaneçam distantes do corpo físico.

7.6. Materialização da Mãe

A certa altura da doutrinação, – continua André Luiz, – percebi que Alexandre chamava a si um dos cooperadores que manipulava os fluidos e forças recolhidas na sala e recomendou-lhe que ajudasse a genitora de Marinho tornar-se visível a ele, enquanto o próprio Alexandre abandonando o posto junto ao doutrinador dedicou-se à operação de passes magnéticos na região visual do espírito comunicante.

Voltou Alexandre a fixar-se ao lado do dirigente e, com surpresa, continua explicando André Luiz –, ouvi que o amigo encarnado desafia o exasperado comunicante, agindo francamente por intuição, com sua voz de sinceridade no ministério do amor fraterno.

– Observe em volta de si, meu irmão! Exclamava o doutrinador, comoventemente; reconhece quem se encontra ao seu lado? Foi então que o sacerdote lançou um grito terrível.

– Minha mãe! Exclamou ele, alarmado de dor e vergonha, minha mãe!...

Seguiu-se longo diálogo amoroso e energético, em que a mãe convidou o filho a render-se ao amor de nosso Pai Celeste.

O filho infortunado prometeu-lhe a transformação imprescindível.

Depois de encorajá-lo com ponderada ternura, a devotada senhora deixou-o aos cuidados de Necésio, prazerosamente, recebeu a missão de encaminhá-lo à esfera dos deveres novos.

Após despedir-se da mãezinha abnegada que voltou à nossa companhia – explica André Luiz – o sacerdote conversou ainda por alguns minutos, surpreendendo-o pela mudança brusca.

8. OUTRAS APLICAÇÕES DO MATERIAL PLÁSTICO

Foram quatro as entidades que receberam os benefícios diretos desta natureza, através de Otávia e outros médiuns.

Em todos os serviços o material plástico recolhido dos companheiros encarnados satisfaz eficientemente. Não era mobilizado apenas pelos amigos da mais nobre condição, que necessitavam fazer-se visíveis aos comunicantes; era empregado também na fabricação momentânea de quadros transitórios e inéditas formas, que agiam beneficentemente sobre o ânimo dos infelizes em luta consigo mesmos.

Um dos necessitados, que tomara o médium sob forte excitação, quis agredir os componentes da mesa em tarefa de auxílio fraternal. Antes, porém, que pusesse em prática o sinistro desígnio vi que os técnicos de nosso plano trabalhavam ativos na composição de uma forma sem vida própria, e a trouxeram imediatamente encostando a mão no provável agressor. Era um esqueleto de terrível aspecto que ele contemplou de alto a baixo, pondo-se a tremer, humilhado, esquecendo o triste propósito de ferir benfeitores.

9. DESCRIÇÃO DE EMANAÇÃO DE ENERGIA MENTAL EM OUTRA REUNIÃO

No capítulo I do Livro Missionários da Luz, André Luiz descreve o ambiente onde se realizaria reunião evangélica, com a presença de dezoito encarnados e grande assembléia de espíritos sofredores no plano espiritual, em fase preparatória para comunicação espiritual por intermédio do processo psicográfico.

Passemos à descrição de André Luiz:

– Entrei cauteloso, sem despertar a atenção da assembléia que ouvia, emocionadamente, a palavra generosa e edificante de operoso instrutor da casa.

Grande número de cooperadores velava atento. E, enquanto devotado mentor falava com o coração nas palavras, os dezoito companheiros encarnados demoravam-se em rigorosa concentração de pensamento, elevados a objetivos altos e puros. Era belo sentir-lhes a vibração particular. Cada qual emitia raios luminosos muito diferentes entre si, na intensidade e na cor. Esses raios confundiam-se na distância de sessenta centímetros dos corpos físicos e estabeleciam a corrente de forças bastante diversa das energias da nossa esfera. Essa corrente não se limitava ao círculo movimentado. Em certo ponto, despejava elementos vitais, à maneira de fonte miraculosa, com origem nos corações e cérebros humanos que aí se reuniam.

As energias dos encarnados casavam-se aos fluidos vigorosos dos trabalhadores do plano espiritual em ação, congregados em vasto número, formando precioso armazém de benefícios para os infelizes, extremamente apegados às sensações fisiológicas.

Semelhantes forças mentais não são ilusórias, como podem parecer ao raciocínio terrestre, menos esclarecidos quanto às reservas infinitas de possibilidades além de matéria grosseira.

RESUMO DAS APLICAÇÕES DA ENERGIA MENTAL NO AMBIENTE

1. Formação da cadeia magnética pelos espíritos para defesa do ambiente;
2. Visibilidade entre espíritos separados por faixas vibratórias;
3. Materialização de certas imagens ou quadros para reavivamento da emotividade e da confiança nas almas infelizes;
4. Armazém de benefícios para infelizes, extremamente apegados às sensações fisiológicas;
5. Em especial: materialização da mãe para o filho (Marinho), e formação de esqueleto terrível – evitando a agressão.

O PSICOSCÓPIO

1. LIVRO

Nos Domínios da Mediunidade – Caps. II e III.

2. LOCAL

Centro Espírita dirigido por Raul Silva.

3. SERVIÇO

Fase preparatória dos trabalhos de atendimento a encarnados necessitados.

4. PESSOAS OBSERVADAS

Grupo de dez trabalhadores, médiuns detentores de faculdades regularmente desenvolvidas.

5. ESPÍRITO INSTRUTOR

Áulus.

6. OBJETIVOS DA INSTRUÇÃO

O estudo do aparelho chamado psicoscópio e sua utilização.

7. DESCRIÇÃO DO PSICOSCÓPIO

Para que serve: Facilita exames e estudos que os Espíritos fazem, sem a necessidade de utilizarem da técnica da visão espiritual por aprofundar concentração mental.

Destina-se à auscultação da alma, com o poder de definir-lhe as vibrações e com capacidade para efetuar diversas observações em torno da matéria. Forma e funcionamento: – energia que utiliza; Funciona à base de eletricidade e magnetismo, utilizando-se de elementos radiantes, análogos na essência aos raios gama.

Peso: algumas gramas (na Terra).

Componentes: óculos de estudo e recursos para microfotografia.

8. APLICAÇÕES GERAIS: ÁULUS

Analisando a psicoscopia de uma personalidade ou de uma equipe de trabalhadores, é possível anotar-lhes as possibilidades e categorizar-lhes a situação. Segundo as radiações que projetam, planejamos a obra que podem realizar no tempo.

A moralidade, o sentimento, a educação e o caráter são claramente perceptíveis, através de ligeira inspeção. Retrata a vida inferior dos médiuns de um grupo. As emanações fluidicas de bondade e compreensão, fé e bom ânimo são por eles assinaladas.

Mais tarde o homem poderá examinar uma emissão de otimismo ou de confiança, de tristeza ou desesperação, e fixar-lhes a densidade e os limites, como já pode separar e estudar as radiações do átomo de urânio.

Uma ficha psicoscópica, sobretudo, determina a natureza de nossos pensamentos e através de semelhante auscultação é fácil ajuizar sobre nossos méritos ou sobre nossas necessidades.

9. APRESENTAÇÃO DE CELINA

Celina, 50 anos de idade, viúva há 20 anos, devotada trabalhadora do ministério espiritual. Conquistou significativas vitórias em suas batalhas morais. Suportou heroicamente o assédio de compactas legiões de ignorância e miséria que lhe rodeavam o esposo; conheceu de perto a perseguição de gênios infernais a que não se rendeu e, lutando por muitos anos, para atender de modo irrepreensível às obrigações que o mundo lhe assinalava, acrisolou as faculdades medianímicas, aperfeiçoando-as nas chamas do sofrimento moral, como se aprimoram as peças de ferro sob a ação do fogo e da bigorna. Ela não é simples instrumento de fenômenos psíquicos. É abnegada servidora na construção de valores do espírito. A clarividência e a clariaudiência, a incorporação sonambúlica e o desdobramento da personalidade são estados em que ingressa, na mesma espontaneidade com que respira, guardando noção de suas responsabilidades e representando, por isso, valiosa colaboração em nossas realizações. Diligente e humilde, encontrou na plantação do amor fraterno a sua maior alegria e, repartindo o tempo entre as obrigações e os estudos edificantes, transformou-se num acumulador espiritual de energias benéficas, assimilando elevadas correntes mentais, com o que faz menos acessível às forças da sombra.

10. PSICOSCOPIA DE CELINA – (vista por André Luiz no psicoscópio)

Centralizando toda a atenção, através de pequenina lente que Áulus nos estendeu, o cérebro de nossa amiga pareceu-nos poderosa estação radiofônica, reunindo milhares de antenas e condutos, resistências e ligações de tamanho microscópico, à disposição das células especializadas em serviços diversos, a funcionarem como detectores e estimulantes, transformadores e ampliadores de sensações e da idéia, cujas vibrações fulguravam aí dentro como raios incessantes, iluminando um firmamento minúsculo.

O Assistente observou conosco aquele precioso labirinto, em que a epífise brilhava como pequeno sol azul e falou:

“– Não nos convém relacionar minudências relativas ao cérebro e ao sistema nervoso em geral, com os quais se encontra você familiarizado nos conhecimentos humanos comuns.”

Nesse instante, reparei, admirado, os feixes de associação entre as células corticais, vibrando com a passagem do fluxo magnético do pensamento.

“– Recordemos que o aparelho encefálico reúne milhões de células, que desempenham funções particulares, quais sejam as dos trabalhadores na fila hierárquica, na harmoniosa estrutura de um Estado.”

E, enumerando determinadas regiões daquele prodigioso reino pensante, trecho a trecho, declarou:

**– Não precisaremos alongar digressões. As experiências adquiridas pela alma constituem maravilhosas sínteses de percepção e sensibilidade, na condição de espíritos libertos em que nos encontramos, mas especificam-se no equipamento de matéria densa como núcleos de controles das manifestações da individualidade, perfeitamente analisáveis. É assim que a alma encarnada possui no cérebro físico os centros especiais que governam a cabeça, o rosto, os olhos, os ouvidos e os membros, em conjunto com os centros da fala, da linguagem, da visão, da audição, da memória, da escrita, do paladar, da deglutição, do tato, do olfato, do registro de calor e frio, da dor, do equilíbrio muscular, da comunhão com os valores internos da mente, da ligação com o mundo exterior, da imaginação, do gosto estético, dos variantes estímulos artísticos e tantas outras quantas sejam as aquisições da experiência entesourada.*

RAUL SILVA ASSIMILANDO CORRENTES MENTAIS NA PRECE

1. LIVRO

Nos Domínios da Mediunidade – Cap. V.

2. LOCAL

No Centro Espírita dirigido por Raul Silva.

3. SERVIÇO

Início dos trabalhos mediúnicos de atendimento a encarnados necessitados.

4. MÉDIUM OBSERVADO

Raul Silva, dirigente encarnado do grupo mediúnico, de quem as referências espirituais do mentor eram as seguintes: “Dirige o núcleo espírita com sincera devoção à fraternidade, correto desempenho dos seus deveres e ardoroso na fé, consegue equilibrar o grupo na onda de compreensão e boa vontade que lhe é característica. Pelo amor com que se desincumbe da tarefa, é instrumento fiel dos benfeitores desencarnados, que lhe identificam na mente um espelho cristalino, retratando-lhes as instruções.”

5. ESPÍRITO INSTRUTOR

Assistente Áulus, que instruíra diretamente a André Luiz e Hilário Silva sobre as ocorrências em Raul Silva da influência do Irmão Clementino, dirigente espiritual mais responsável pelo grupo, durante a prece de abertura dos trabalhos.

6. MECANISMO DA ASSIMILAÇÃO DE CORRENTES MENTAIS

a – Clementino avançou em direção de Raul Silva, perto de quem se postou em muda reflexão;

b – Após alguns instantes, o irmão Clementino passou a mão direita na frente de Raul, mostrando-se mais humanizado, quase obscuro; Clementino acentuou:

– Áulus, dirigindo-se a André Luiz, afigura-se mais pesado porque amorteceu o elevado tom vibratório em que respira habitualmente, descendo à posição de Raul tanto quanto lhe é possível para benefício do trabalho. Influencia agora a vida cerebral do condutor da casa à maneira dum musicista emérito, manobrando, respeitoso, um violino de alto valor, do qual conhece a firmeza e a harmonia;

c – Notamos, afirma André Luiz, que a cabeça venerável de Clementino passou a emitir raios fulgurantes ao mesmo tempo em que o cérebro de Silva, sob os dedos do benfeitor, refletia uma luminosidade intensa, embora diversa;

d – Clementino, mentor desencarnado, continua André Luiz, levantou a voz comovente, suplicando a Benção Divina com expressões que Silva transmitiu igualmente em voz alta, imprimindo-lhes diminutas variações;

e – Fios de Luz brilhante ligavam os componentes da mesa, dando-nos a perceber que a prece os reunia mais fortemente entre si;

f – Todo o busto, inclusive os braços e mãos de Raul estavam sob a ação de vigorosa onda de força, a eriçar-lhe a pele num fenômeno de doce excitação, como agradável calafrio. Essa onda de força

descansava sobre o plexo solar, onde se transformava em luminoso estímulo, que se estendia pelos nervos até o cérebro, do qual se derramava pela boca em forma de palavra.

7. EXPLICAÇÕES TÉCNICAS DO ASSISTENTE ÁULUS

O jato de forças mentais do irmão Clementino atuou sobre a organização psíquica de Silva, como a corrente dirigida para a lâmpada elétrica. Apoiando-se no plexo solar, elevou-se ao sistema neuro-cerebrino, como a energia elétrica da usina emissora que, atingindo a lâmpada, se espalha no filamento incandescente, produzindo o fenômeno da luz.

E o problema da voltagem? Indagou André Luiz.

“– Não foi esquecido, continuou Áulus. Clementino graduou o pensamento e a expressão de acordo com a capacidade do nosso Raul e do ambiente que o cerca, ajustando-se-lhes às possibilidades, tanto quanto o técnico de eletricidade controla a projeção de energia, segundo a rede dos elementos receptivos. Cada qual recebe de conformidade com a estrutura que lhe é própria.”

Áulus faz algumas comparações entre médium e aparelho receptor em radiofonia, das quais resumidamente extraímos as seguintes idéias:

Antenas: Os raios provenientes da emissão mental de Clementino alcançavam o campo interior de Raul Silva, primeiramente pelos poros, que funcionam como milhares de antenas sobre as quais essa emissão adquire o aspecto de impressões fracas e indecisas.

Condensadores: Essas impressões fracas e indecisas apóiam-se nos centros do corpo espiritual, que funcionam como se fossem condensadores;

Bobinas: Dos centros de força do corpo espiritual atingem de imediato os cabos do sistema nervoso, que desempenham o papel de preciosas bobinas de indução, onde, por um pequeníssimo espaço de tempo, ficam essas impressões acumuladas.

Teclado de Eletroímãs: As impressões que por um átimo permanecem nos cabos do sistema nervoso, reconstituem-se automaticamente no cérebro onde possuímos centenas de centros motores semelhantes a milagroso teclado de eletroímãs ligados uns aos outros em cujo dinamismo se processam as ações e reações mentais que determinem vibrações criativas através do pensamento ou da palavra;

Estação receptora/ Transmissora: Nesse quadro comparativo, considere o encéfalo como poderosa estação receptora e transmissora;

Auto-falante: Desta estação transmissora temos a boca na conta de valioso auto-falante;

Guindastes/ condutores/ transformadores/ analistas: Tais estímulos se expressam ainda pelo mecanismo das mãos e dos pés ou pelas impressões dos sentidos e dos órgãos, que trabalham à feição de guindastes e condutores, transformadores e analistas, sob o comando direto da mente;

Hilário Silva ponderou que não devia ser fácil estabelecer a diferença entre a criação mental, que nos é própria, daquela que se nos incorpora à cabeça.

Áulus esclareceu:

“– Sua afirmativa carece de base, Hilário. Qualquer pessoa que saiba manejar a própria atenção observará a mudança, de vez que o nosso pensamento vibra em certo grau de frequência, a concretizar-se em nossa maneira especial de expressão, no círculo dos hábitos e dos pontos de vista, dos modos e dos estilos que nos são peculiares.”

“Basta nos afeiçoemos aos exercícios da meditação ao estudo edificante e ao hábito de discernir para compreendermos onde se nos situa a faixa de pensamento, identificando com nitidez as correntes espirituais que passamos a assimilar.”

8. CONSEQÜÊNCIAS

A mediunidade é um dom inerente a todos os seres com faculdade de respirar, e cada criatura assimila as forças superiores ou inferiores com as quais sintonizar. Por isso mesmo, o divino Mestre recomendou-nos a oração e a vigilância, para não cairmos nas sugestões do mal, porque a tentação é o fio de forças vivas a irradiar-se de nós, captando os elementos que lhes são semelhantes e tecendo, assim, ao redor de nossa alma, espessa rede de impulsos, por vezes irresistíveis.

IRMÃ EUGÊNIA PSICOFONIA CONSCIENTE

1. LIVRO

Nos Domínios da Mediunidade – Cap. VI.

2. LOCAL

No Centro Espírita dirigido por Raul Silva.

3. SERVIÇO

Atendimento a um necessitado desencarnado: desobsessão.

4. MÉDIUM

Dona Eugênia, de grande docilidade, que promete brilhante futuro na expansão do bem. Excelente órgão de transmissão, coopera com eficiência na ajuda aos desencarnados em desequilíbrio. Intuição clara, aliada à distinção moral, tem a vantagem de conservar-se consciente nos serviços de intercâmbio, beneficiando-nos a ação. (Descrição de Áulus)

5. ESPÍRITO INSTRUTOR

Áulus, sendo dirigente dos trabalhos o Espírito Clementino.

6. ESTADO DO ESPÍRITO NECESSITADO

Conduzido por três guardas espirituais, Libório foi trazido à sala de socorro do grupo. Era infelizmente solteirão desencarnado, que não guardava consciência da própria situação. Incapaz de enxergar os vigilantes que o traziam, caminhava à maneira de um surdo-cego, impelido por forças que não conseguia identificar.

Informou Áulus: “Trata-se de um desventurado obsessor que acabaram de remover do ambiente a que, desde muito tempo, se ajustava. Desencarnou em plena vitalidade orgânica, depois de externar-se em festiva loucura.

Letal intoxicação cadaverizou-lhe o corpo, quando não possuía o menor sinal de habilitação para aconchegar-se às verdades do espírito. Reparem, é alguém a movimentar-se nas trevas de si mesmo, trazido ao recinto sem saber o rumo tomado pelos próprios pés, como qualquer doente mental em estado grave.”

7. TIPO DE LIGAÇÃO OBSESSIVA EXISTENTE

Desencarnado com o pensamento enovelado à paixão por irmã nossa, hoje torturada enferma que se sintonizou com ele, a ponto de retê-lo junto de si com aflições e lágrimas, passou a vampirizar-lhe o corpo. A perda de veículo físico, na deficiência em que se encontrava, deixou-o integralmente desarvorado, como naufrago dentro da noite. Entretanto, adaptando-se ao organismo da mulher amada que passou a obsediar, nela encontrou um novo instrumento de sensação, vendo por seus olhos, ouvindo por seus ouvidos, falando por sua boca e vitalizando-se com os alimentos comuns por ela utilizados. Nessa simbiose vivem ambos há quase cinco anos sucessivos; contudo, agora, a moça, subnutrida e perturbada, acusa desequilíbrio orgânico de vulto.

8. MOTIVO DO TRATAMENTO

Por haver a doente solicitado nosso concurso assistencial, somos constrangidos a duplo socorro. Para que se cure das fobias que presentemente a assaltam como reflexos da mente dele, que se vê

apavorado diante das realidades do espírito, é necessário o afastamento dos fluidos que a envolvem, assim como a coluna abalada pelo abraço envolvente da hera, reclama limpeza em favor do reajuste.

9. INCORPORAÇÃO DE SOFREDOR – ligação médium-sofredor

Nesse ínterim, escreve André Luiz, os espíritos condutores obedecendo às determinações de Clementino, localizaram o sofredor ao lado de Dona Eugênia. O mentor da casa aproximou-se dela e aplicou-lhe forças magnéticas sobre o córtex cerebral, depois de arrojarem vários feixes de raios luminosos sobre extensa região da glote. Notamos que Eugênia-alma afastou-se do corpo, mantendo-se junto dele, à distância de alguns centímetros, enquanto que, amparado pelos amigos que o assistiam, o visitante sentava-se rente, inclinando-se sobre o equipamento mediúnico ao qual se justapunha, à maneira de alguém a debruçar-se numa janela. Observei que leves fios brilhantes ligavam a fronte de Eugênia, desligada do veículo físico, ao cérebro da entidade comunicante.

10. ÁULUS EXPLICA O OBJETIVO DO “CONTROLE MEDIÚNICO”

Estamos diante do fenômeno da psicofonia consciente, ou trabalho dos médiuns falantes, afirma Áulus. Embora senhoreando as forças de Eugênia, o hóspede enfermo do nosso plano permanece controlado por ela, a quem se irmana pela corrente nervosa, através da qual estará nossa irmã informada de todas as palavras que ele mentalizar e pretender dizer.

Efetivamente apossa-se temporariamente do órgão vocal de nossa amiga, apropriando-se de seu mundo sensório, conseguindo enxergar, ouvir e raciocinar com algum equilíbrio por intermédio das energias dela, mas Eugênia comanda, firme, as rédeas da própria vontade, agindo qual se fosse enfermeira, concordando com os caprichos de um doente no objetivo de auxiliá-lo. Esse capricho, porém, deve ser limitado, porque, consciente de todas as intenções do companheiro infortunado, a quem empresta o carro físico, nossa amiga reserva-se o direito de corrigi-lo em qualquer inconveniência. Pela corrente nervosa, conhecer-lhe-á as palavras na formação, apreciando-as previamente, de vez que os impulsos mentais dele lhe percutem sobre o pensamento como verdadeiras marteladas. Pode, assim, fiscalizar-lhe os propósitos e expressões, porque se trata de uma entidade que lhe é inferior, pela perturbação e pelo sofrimento em que se encontra, e a cujo nível não deve arremessar-se se quiser ser útil. O Espírito em turvação é um alienado mental, requisitando auxílio. Nas sessões de caridade, como a que presenciamos, o primeiro socorrista é o médium que o recebe, mas, se esse socorrista cai no padrão vibratório do necessitado que lhe roga serviço, há pouca esperança de amanhã eficiente. O médium, pois, quando integrado nas responsabilidades que esposa, tem o dever de colaborar na preservação da ordem e da respeitabilidade na obra de assistência aos desencarnados, permitindo-lhes a livre manifestação apenas até o ponto em que essa manifestação não colida com a harmonia necessária ao conjunto e com a dignidade imprescindível ao recinto.

11. O PROBLEMA DO MÉDIUM COM O SEU PRÓPRIO CORPO

Referindo-se ao problema da distância entre o Espírito do médium e o próprio corpo, esclareceu Áulus:

“– Sempre que o esforço se refira à entidade em reajuste, o mediano não deve ausentar-se desanimado... Com um demente em casa, o afastamento é perigoso, mas se nosso lar está custodiado por amigos cômicos de si, podemos excursionar até muito longe, porquanto o nosso domicílio demorar-se-á guardado com segurança. No concurso aos irmãos desequilibrados, nossa presença é imperativo dos mais lógicos.

12. INÍCIO DA COMUNICAÇÃO DO SOFREDOR

“– Vejo! Vejo! Mas por que encantamento me prendem aqui? Que algemas me afivelam a este móvel pesado? – qual o objetivo desta assembleia em silêncio funeral? Quem me trouxe?”

Explica Áulus: “– O sofredor, ao contato das forças nervosas da médium, revive os próprios sentidos e deslumbra-se. Queixa-se das cadeias que o prendem, cadeias essas que em cinquenta por cem decorrem da contenção cautelosa de Eugênia. Um Médium passivo, em tais circunstâncias, pode ser comparado à mesa do serviço cirúrgico. Se o móvel especializado não possui firmeza e humildade, qualquer intervenção seria de todo impossível.

À pergunta se a médium estava enxergando o Espírito sofredor que se lhe associava ao vaso carnal, responde o instrutor:

“– No caso de Eugênia, isso não acontece, porque o esforço dela na preservação das próprias energias e o interesse na prestação de auxílio com todo o coeficiente de suas possibilidades, não lhe permitem a necessária concentração mental para surpreender-lhe a forma exterior. Entretanto, reproduzem-se nela as aflições e os achaques do socorrido. Sente-lhe a dor e a excitação, registrando-lhe o sofrimento e o mal-estar.

Hilário Silva pergunta: “a – Consciente a médium, qual se encontra e ouvindo as frases do comunicante, que lhe utiliza a boca assim vigiado por ela, é possível que dona Eugênia seja assaltada por grandes dúvidas. Não poderá ser induzida a admitir que as palavras proferidas pertencem a ela mesma? Não sofrerá vacilações?”

“– Isso é possível, concordou Áulus; no entanto nossa irmã está habilitada a perceber que as comoções e as palavras desta hora não lhe dizem respeito. Se a médium fosse, entretanto, invadida pela dúvida, emitiria da própria mente positiva recusa, expulsando o comunicante e anulando preciosa oportunidade de serviço.

O CONDENSADOR ECTOPLÁSMICO

1. LIVRO

Nos Domínios da Mediunidade – cap. VII.

2. LOCAL

Centro Espírita, onde se realizava uma sessão de desobsessão. Estava o sofredor Libório incorporado à médium Eugênia, sendo esclarecido pelo dirigente encarnado, Raul Silva.

3. ESPÍRITO INSTRUTOR

Áulus.

4. DESCRIÇÃO DO APARELHO

Aparência de uma tela de base tenuíssima, com dispositivos especiais, medindo por inteiro um metro quadrado, aproximadamente.

5. FUNÇÃO DO CONDENSADOR ECTOPLÁSMICO

Tem a propriedade de concentrar em si os raios de força projetados pelos componentes da reunião, reproduzindo as imagens que fluem do pensamento da entidade comunicante, não só para observação dos espíritos orientadores, mas também para análise do doutrinador encarnado, que as recebe em seu campo intuitivo, auxiliado pelas energias magnéticas do plano espiritual.

6. O FORNECIMENTO DA ENERGIA PARA O CONDENSADOR

As energias ectoplásmicas são fornecidas pelo conjunto dos companheiros encarnados, em favor de irmãos que ainda se encontram semi-materializados nas faixas vibratórias da experiência física. Por isso mesmo, Silva e Clementino necessitam do concurso geral para que a máquina do serviço funcione harmoniosamente quanto seja possível.

Pessoas que exteriorizam sentimentos menos dignos, equivalentes a princípios envenenados nascidos das viciações de variadas espécies, perturbam enormemente as atividades dessa natureza, porquanto arrojam no condensador as sombras de que se fazem veículos prejudicando a eficiência da assembléia e impedindo a visão perfeita da tela por parte da entidade necessitada de compreensão e luz.

7. UTILIZAÇÃO DO CONDENSADOR ECTOPLÁSMICO NO CASO LIBÓRIO

Após uma prece sentida, feita por Raul Silva, que estava sendo inspirado por irmão Clementino (mentor espiritual) o Espírito endurecido de Libório grita em lágrimas:

“– Oh! Deus, que se passa comigo?...”

A pedido do irmão Clementino, foi trazido apressadamente o aparelho por um dos assistentes do outro plano. O mentor espiritual da reunião manobrou pequena chave num dos ângulos do aparelho e o tecido suave se cobriu de leve massa fluídica, branquicenta e vibrátil. Em seguida, postou-se novamente ao pé de Raul Silva, que, controlado por ele, disse ao comunicante:

“– Lembre-se, meu amigo, lembre-se! Faça um apelo à memória! Veja à frente os quadros que se desenrolarão aos nossos olhares!

De imediato, como se tivesse a atenção compulsoriamente atraída para a tela o visitante fixou-se e, desde esse momento, vimos com assombro que a tela sensibilizada exibia variadas cenas de que o próprio Libório era o principal protagonista. Recebendo-as mentalmente, Raul Silva passou a descrevê-las:

“– Observe, meu amigo! É noite. Ouve-se um burburinho de algazarra à distância... Sua mãe, velhinha, chama-o à cabeceira e pede-lhe assistência... está exausta... Você é o filho que lhe resta... Derradeira esperança de flagelada vida. Único arrimo... A pobre senhora sente-se morrer. A dispnéia martiriza-se... É o distúrbio cardíaco pressagiando o fim do corpo... Tem medo. Declara-se receosa da solidão de vez que é sábado carnavalesco e os vizinhos se ausentaram na direção dos centros festivos. Parece uma criança atemorizada... Contempla-o, ansiosa, e roga-lhe que fique... Você responde que sairá tão-somente por alguns minutos... O bastante para trazer-lhe a medicação necessária... Em seguida, avança, rápido, para uma gaveta situada em aposento próximo e apropria-se do único dinheiro que a enferma dispõe, algumas centenas de cruzeiros, com que você se julga habilitado a desfrutar as falsas alegrias de seu clube... Amigos espirituais de seu lar abeiraram-se de você, implorando socorro em favor da doente, quase moribunda, mas você se mostra impermeável a qualquer pensamento de compaixão... Dirige algumas palavras apressadas à enferma e sai para a rua. Em plena via pública, imanta-se aos indesejáveis companheiros desencarnados com os quais se afina... entidades turbulentas, hipnotizadas pelo vício, com as quais você se arrasta ao prazer... Por três dias e quatro noites consecutivos, entrega-se à loucura, com esquecimento de todas as obrigações... Somente na madrugada de quarta-feira você volta por braços anônimos, sua mãe não o reconhece mais. Aguarda, resignadamente, a morte, enquanto você se encaminha para os quartos dos fundos, na expectativa de conseguir um banho que o auxilie a refazer-se... Abre o gás e senta-se por alguns minutos, experimenta a cabeça entontecida... O corpo exige descanso, depois da louca folia... A fadiga surge, insopitável. Desapercebe-se de si mesmo e dorme semi-embriagado, perdendo a existência, porque as emanções tóxicas lhe cadaverizam o corpo... Na manhã clara de sol, um rabeção leva-o ao necrotério, como simples suicida... Nessa altura, o interlocutor, como se voltasse de um pesadelo, bradou desesperado:

“– Oh! Esta é a verdade! A verdade!... onde está a minha casa? Sara, Sara, quero minha mãe, minha mãe!...”

“– Acalme-se – recomendou Raul, compadecido – nunca nos faltará socorro divino! Seu lar, meu amigo, cerrou-se com os seus olhos de carne e sua genitora, de outras esferas, lhe estende os braços amorosos e santificantes...”

O comunicante, vencido, caiu em lágrimas.

Tão grande lhe surgiu a crise emotiva que o mentor espiritual do grupo se apressou a desliga-lo do equipamento mediúnico, entregando-o aos vigilantes para que fosse convenientemente abrigado em organização próxima.

Libório, em fundo processo de transformação, afastou-se, tornando Eugênia à posição normal.

IRMÃ CELINA, PSICOFONIA SONAMBÚLICA

1. LIVRO

Nos Domínios da Mediunidade – Cap. VIII.

2. LOCAL

No Centro Espírita dirigido por Raul Silva.

3. SERVIÇO

Atendimento a necessitado desencarnado: desobsessão.

4. MÉDIUM

Irmã Celina, o melhor instrumento da casa.

5. ESPÍRITO INSTRUTOR

Áulus, sendo dirigente dos trabalhos o Espírito Clementino.

6. DESCRIÇÃO DO ESPÍRITO ATENDIDO

“– Foi um fazendeiro desumano – esclareceu nosso orientador amigo. Desencarnou nos últimos dias do século XVIII, mas ainda conserva a mente estagnada na concha do próprio egoísmo. Nada percebe, por enquanto, senão os quadros interiores, emitidos por ele mesmo, constando de escravos, dinheiro e lucros da antiga propriedade rural em que se enterrou seu pensamento, convertendo-se hoje em vampiro inconsciente de almas reencarnadas que lhe foram queridas, no Brasil. Com todo o respeito que devemos à fraternidade, podemos dizer que ele nada mais fora que desapiedado algoz dos infelizes nativos que lhe caíram com o guante de ferro. Detentor de vastíssimo latifúndio, possuía consigo largas regiões de servidores que lhe conheceram de perto, a tirania e a perversidade.”

Valendo-me da pausa espontânea, fitei o rosto triste do recém-chegado, com mais atenção, reconhecendo que os seus olhos, embora móveis como os de um felino, estavam vidrados, mortos...

la apontar para aquelas órbitas inexpressivas quando o instrutor, adivinhando-me o impulso, acrescentou: “– Odiava os trabalhadores que lhe fugiam às garras e quando conseguia arrebatá-los ao quilombo, não somente os algemava aos troncos de martírio, mas queimavam-lhes os olhos, reduzindo-os à cegueira, para escarmento das senzalas. Alguns dos raros quilombolas que resistiram à morte eram sentenciados depois de cegos, às mandíbulas de cães bravios, de cuja sanha não conseguiam escapar. Com semelhante sistema de repressão instalou o terror em derredor dos seus passos, granjeando, então, fama e riqueza. Contudo, veio a jornada inevitável do túmulo e, nessa fase nova, não encontrou senão desafetos, a se levantarem, junto dele, na feição de temíveis perseguidores. Muitas vítimas de alma branda lhe haviam desculpado as ofensas, mas outras não conseguiram a força para o perdão espontâneo e converteram-se em vingadores do passado a lhe cumularem o espírito de aflitivo pavor. Emaranhado nas teias da usura e fazendo do ouro o único poder em que acreditava, nem de leve se sentiu transportado de um lado da vida para outro, através da mente crê-se num lugar de trevas, atormentado pelos escravos, prisioneiro das próprias vítimas. Vive, assim, entre a desesperação e o remorso. Martirizado pelas reminiscências das flagelações que decretava e hipnotizado pelos algozes de agora, dos quais no pretérito foi verdugo, vê-se reduzido à cegueira, por se lhe desequilibrarem no corpo espiritual as faculdades da visão.”

Enquanto se nos alongava o entendimento, o infeliz foi situado junto de dona Celina.

7. ATUAÇÃO DE FLUIDO CONTRA FLUIDO

A medida impressionou-me desfavoravelmente.

Logo dona Celina, o melhor instrumento da casa, é que deveria acolher o indesejável comunicante? Reparei-lhe a luminosa auréola, contrastando com a vestimenta pestilencial do forasteiro, e deixei-me avassalar por incoercível temor.

Semelhante providência não seria o mesmo que entregar uma harpa delicada às patas de uma fera?

Áulus, porém, deu-se pressa em explicar-nos:

“– Acalmem-se. O amigo demorado penetrou o templo com a supervisão e o consentimento dos mentores da casa. Quanto aos fluidos de natureza deletéria, não precisamos temê-los. Recuam instintivamente ante a luz espiritual que os fustiga ou desintegra. É por isso que cada médium possui ambiente próprio e cada assembléia se caracteriza por uma corrente magnética particular de preservação e defesa. Nuvens infecciosas da Terra são diariamente extintas ou combatidas pelas irradiações solares, e formações fluídicas, inquietantes, a todo momento são aniquiladas ou varridas do planeta pelas energias superiores do Espírito. Os raios luminosos da mente orientada para o bem incidem sobre as construções do mal, à feição de descargas elétricas. E compreendendo-se que mais ajuda aquele que mais pode, nossa irmã Celina é a companheira ideal para o auxílio desta hora.”

8. A INCORPORAÇÃO DO SOFREDOR

A médium desvencilhou-se do corpo físico, como alguém que se entregava ao sono profundo, e conduziu consigo a aura brilhante de que se coroava.

Clementino não teve necessidade de socorrê-la. Parecia afeita àquele gênero de tarefa. Ainda assim, o condutor do grupo amparou-a, solícito.

A nobre senhora fitou o desesperado visitante com manifesta simpatia e abriu-lhe os braços, auxiliando-o a senhorear o veículo físico, então em sombra. Qual se fora atraído por vigoroso imã, o sofredor arrojou-se sobre a organização física da médium, colando-se a ela, instintivamente.

Auxiliado pelo guardião que o trazia, sentou-se com dificuldade, afigurando-se-me intensivamente ligado ao cérebro mediúnico.

Se Eugênia revelara-se benemérita enfermeira, Dona Celina surgia aos nossos olhos por abnegada mãezinha, tal a devoção afetiva para com o nosso hóspede infortunado. Dela partiam fios brilhantes a envolvê-lo inteiramente e o recém-chegado, em vista disso, não obstante senhor de si, demonstrava-se criteriosamente controlado.

Assemelhava-se a um peixe em furiosa reação, entre os estreitos limites de um recipiente que, em vão procurava dilacerar.

Projetava de si estiletos de treva, que se fundiam na luz com que Celina-alma o rodeava, dedicada.

Tentava gritar impropérios, mas debalde.

A médium era um instrumento passivo no exterior, entretanto, nas profundezas do ser, mostrava as qualidades morais positivas que lhe eram conquista inalienável, impedindo aquele irmão de qualquer manifestação menos digna.

“– Eu sou José Maria... – clamava o visitante, irritadíssimo, enfileirando outros nomes com o evidente intuito de lançar importância sobre a sua origem. Amontoava reclamações, contudo, percebi que não usava palavras semelhantes às que proferira junto de nós. Achava-se como que manietado, vencido, embora prosseguisse rude e áspero.”

9. ÁULUS ANALISA A MEDIUNIDADE DE CELINA

O sofredor aparecia tão completamente imantado na organização fisiológica da medianeira, tão espontâneo e tão natural, que não sopitei as perguntas a me escorrerem céleres do pensamento.

A mediunidade falante de Celina era diversa? Eugênia e ela se haviam desligado da veste carnal durante o trabalho... Por que a primeira se mantivera preocupada, qual enfermeira inquieta, enquanto que a segunda parecia devotada tutora do irmão dementado, seguindo-o com cuidados de mãe? Por que numa delas a expectativa atormentada e na outra a serena confiança?

Desculpando-nos a condição de aprendizes, Áulus passou a esclarecer-nos, enquanto Clementino e Raul Silva amparavam o comunicante através de orações e frases renovadoras de incentivos ao bem.

“– Celina – explicou, bondoso – é sonâmbula perfeita. A psicofonia, em seu caso, se processa sem necessidade de ligação de corrente nervosa do cérebro mediúnico à mente do hóspede que o ocupa. A espontaneidade dela é tamanha na cessão de seus recursos às entidades necessitadas de socorro e carinho, que não tem qualquer dificuldade para desligar-se de maneira automática do campo sensorio, perdendo provisoriamente o contato com os centros motores da vida cerebral. Sua posição medianímica é de extrema passividade. Por isso mesmo, revela-se o comunicante mais seguro de si, na exteriorização da própria personalidade. Isso, porém, não indica que a nossa irmã deva estar ausente ou irresponsável. Junto do corpo que lhe pertence, age na condição de mãe generosa, auxiliando o sofredor que por ela se exprime qual se fora frágil protegido por sua bondade. Atraiu-o a si, exercendo um sacrifício voluntário, que lhe é doce no coração fraterno, e José Maria, desvairado e desditoso, imensamente inferior a ela, não lhe pode resistir. Permanece assim agressivo tanto quanto é, mas vê-se controlado em suas menores expressões, porque a mente superior subordina as que lhes situam à retaguarda, nos domínios do espírito. É por essa razão que o hóspede experimenta com rigor o domínio afetuoso da missionária que lhe dispensa amparo assistencial. Impelido a obedecer-lhe, receber-lhe as energias mentais constringentes que o obrigam a sustentar-se em respeitosa atitude, não obstante revoltado como se encontra.”

10. PSICOFONIA CONSCIENTE E PSICOFONIA SONÂMBULA

Perguntou Hilário Silva:

“– Observamos singular diferença ente as duas médiuns que caíram em transe... Tenho idéia de que, na psicofonia consciente, Dona Eugênia exercia um controle mais direto sobre o hóspede que lhe utilizava os recursos, ao passo que dona Celina, embora vigiando o companheiro que se comunica, deixa-o mais à vontade, mais livre... Caso não fosse Dona Celina a trabalhadora hábil, capaz de intervir a tempo, em qualquer circunstância menos agradável, não seria de preferir as faculdades de dona Eugênia?”

“– Sim, Hilário, você tem razão. O sonambulismo puro, quando em mãos desavisadas, pode produzir belos fenômenos, mas é menos útil na construção espiritual do bem. A psicofonia inconsciente, naqueles que não possuem méritos morais suficientes à própria defesa, pode levar à possessão, sempre nociva, e que por isso, apenas se evidencia integral nos obsediados que se renderem às forças vampirizantes.”

11. COMUNICAÇÃO DO MENTOR

E se fosse uma entidade superior, como seria o mecanismo da comunicação?

“– Nesse caso, redargüiu paciente Áulus, Celina seria naturalmente controlada. Se o comunicante fosse, nessa hipótese, uma inteligência degenerada e perversa, a fiscalização correria por conta dos mentores da casa e, em se tratando de um mensageiro com elevado patrimônio de conhecimento e virtude, a médium apassivar-se-ia com satisfação, porquanto lhe aproveitaria as vantagens da presença, tal como o rio se beneficia com as chuvas que caem do alto.”

12. ENCERRAMENTO DA COMUNICAÇÃO

Clementino solicitou o concurso de Áulus para a remoção de José Maria, que algo renovado, principiava a aceitar o serviço de prece, chegando a atingir a felicidade de chorar.

POSSESSÃO

1. LIVRO

Nos Domínios da Mediunidade – Cap. IX.

2. LOCAL

No Centro Espírita dirigido por Raul Silva.

3. SERVIÇO

Trabalho de desobsessão.

4. ESPÍRITO ORIENTADOR

Áulus, que estava em missão de instrução de André Luiz e Hilário Silva.

5. CAUSA DA MANIFESTAÇÃO

A pedido de Áulus, foi autorizada pelo irmão Clementino, com o objetivo de servir para os estudos do grupo desencarnado.

6. O ENFERMO ENCARNADO

Pedro, o enfermo, estava na pequena fila de quatro pessoas que haviam comparecido a cata de socorro; incomodado, aflito, articulava palavras incompreensíveis. Ao seu lado estava sua velha progenitora, ainda encarnada, que o assistia.

7. A POSSESSÃO: passemos ao relato de André Luiz:

“– Atendendo às recomendações do supervisor, os guardas admitiram a passagem de uma entidade evidentemente aloucada, que atravessou, de chofre, as linhas vibratórias de contenção, vociferando, frenética:”

“– Pedro! Pedro!...”

“– Parecia ter a visão centralizada no doente, porque nada mais fixava além dele. Alcançando o nosso irmão encarnado, este, de súbito, desfecha um grito agudo e cai desamparado.”

“A velha progenitora mal teve tempo de suavizar-lhe a queda espetacular.”

“De imediato, sob o comando de Clementino, Silva determinou que o rapaz fosse transferido para um leito de câmara próxima, isolando-o da assembléia. Dona Celina foi incumbida do trabalho de assistência. Junto dela acompanhamos o enfermo com carinhoso interesse.”

“As variadas tarefas do recinto prosseguiram sem quebra do ritmo, enquanto nos insulávamos no aposento para a operação que o caso exigia. Pedro e o obsessivo que o julgava pareciam agora fundidos um no outro. Eram dois contendores engalfinhados em luta feroz. Fitando o companheiro encarnado mais detidamente, concluía que o ataque epiléptico, com toda a sua sintomatologia clássica, surgia claramente reconhecível. O doente trazia agora a face transfigurada por indefinível palidez, os músculos jaziam tetanizados e a cabeça, exibindo os dentes cerrados, mostrava-se flectida para trás, enquanto que os braços se assemelhavam a dois galhos de arvoredo, quando retorcidos pela tempestade.”

“Dona Celina e a matrona afetuosa acomodaram-no na cama e dispunham-se à prece, quando a rigidez do corpo se fez sucedida de estranhas convulsões a se estenderem aos olhos que se moviam em reviravoltas contínuas.”

“A lividez do rosto deu lugar à vermelhidão que invadiu as faces congestionadas. A respiração tornara-se angustiada, ao mesmo tempo que os esfíncteres se relaxavam, convertendo o enfermo em torturado vencido. O insensível perseguidor como que se entranhara no corpo da vítima. Pronunciava duras palavras, que somente nos outros conseguíamos assinalar, de vez que todas as funções sensoriais de Pedro se mostravam em deplorável inibição.”

8. ESTADO MENTAL DO OBSESSOR

“Vingar-me-ei! Vingar-me-ei! Farei justiça por minhas próprias mãos!...” – brada colérico.

Repreensões injuriosas apagavam-se na sombra; porquanto não conseguiam exteriorizar-se através das cordas vocais da vítima, a contorcer-se.

Permanecia o cavalheiro plenamente ligado ao algoz que o tomara de inopino. O córtex cerebral apresentava-se envolvido de massa escura fluídica.

Reconhecíamos no moço a incapacidade de qualquer domínio de si mesmo.

Acariciando-lhe a fronte suarenta, Áulus informou compadecido:

“– É a possessão completa ou a epilepsia essencial.”

9. COMO PEDRO ASSINALAVA O ATAQUE DO OBSESSOR

“– Nosso amigo está inconsciente?” aventurou Hilário, entre a curiosidade e o respeito.

“– Sim, considerado como enfermo terrestre, está no momento sem recursos de ligação com o cérebro carnal. Todas as células do córtex sofrem o bombardeio de emissões magnéticas de natureza tóxica. Os centros motores estão desorganizados. Todo o cerebelo está empastado de fluidos deletérios. As vias do equilíbrio parecem completamente perturbadas. Pedro temporariamente não dispõe de controle para governar-se, nem de memória comum para marcar a inquietante ocorrência de que é protagonista. Isso, porém, acontece no setor da forma de matéria densa, porque em espírito, está arquivando todas as particularidades da situação em que se encontrara, de modo a enriquecer o patrimônio das próprias experiências.”

10. ANÁLISE DA MEDIUNIDADE DE PEDRO

Perguntou André Luiz:

“– De vez que nos achamos defrontados por um encarnado e por um desencarnado, jungidos um ao outro, não obstante a dolorosa condição de sofrimento em que se caracterizam, será lícito considerar o fato sob nosso exame como sendo um transe mediúnico?”

Embora ativo na tarefa de socorro, o instrutor respondeu:

“– Sim, presenciamos um ataque epiléptico, segundo a definição da medicina terrestre, entretanto, somos constringidos a identificá-lo como sendo um transe mediúnico de baixo teor, porquanto verificamos aqui a associação de duas mentes desequilibradas, que se rendem às teias do ódio recíproco.”

“– Apesar da carga doentia que suporta na atualidade, devemos aceitar o nosso Pedro na categoria de médium?” Perguntou Hilário.

“– Pela passividade com que reflete o inimigo desencarnado, será justo tê-lo nessa conta, contudo, precisamos considerar que, antes de ser médium na acepção do termo, é um Espírito endividado a redimir-se, respondeu Áulus.”

11. O DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO DE PEDRO

Pergunta Hilário a Áulus:

“– Mas se poderá cogitar do próprio desenvolvimento psíquico?”

O assistente sorriu e observou:

“– Desenvolver, em boa sinonímia, que dizer, ‘retirar do invólucro’, ‘fazer progredir’ ou ‘produzir’. Assim compreendendo, é razoável que Pedro, antes de tudo, desenvolva recursos pessoais no próprio reajuste. Não se constroem paredes sólidas em bases inseguras. Necessitará, portanto, curar-se. Depois disso, então...”

“– Se é assim – objetou meu colega –, não resultará infrutífera a sua freqüência a esta casa?”

“– De modo algum. Aqui recolherá forças para refazer-se, assim como a planta raquítica encontra estímulo para achar restauração no adubo que lhe oferecem. Dia-a-dia, ao contato com amigos orientados pelo Evangelho, ele e o desafeto incorporarão abençoados valores em matéria de compreensão e serviço, modificando gradativamente o campo de elaboração das forças mentais. Sobrevirá, então, um aperfeiçoamento de individualidades, a fim de que a fonte mediúnica surja, mais tarde, tão cristalina quanto desejamos. Salutares e renovadores pensamentos assimilados pela dupla de sofrendores em foco expressam melhoria e recuperação para ambos, porque, na imantação recíproca em que se vêem, as idéias de um reagem sobre o outro, determinando alterações radicais.”

Diante da nossa atitude cismarenta, no exame das questões complexas de que nos sentíamos rodeados, o Assistente ponderou:

“– Aparelhos mediúnicos valiosos naturalmente não se improvisam. Como todas as edificações preciosas, reclamam esforço, sacrifício, coragem, tempo... E sem amor e devotamento, não será possível a criação de grupos e instrumentos louváveis, nas tarefas de intercâmbio.”

12. CONCEITO DE MEDIUNIDADE DE PROVAÇÃO

“– Nosso amigo, continua Áulus, está preso a significativo montante de débitos com o passado e ninguém pode avançar livremente para o amanhã sem solver os compromissos de ontem. Por esse motivo, Pedro traz consigo aflitiva mediunidade de provação. É da Lei que ninguém se emancipe sem pagar o que deve. A rigor por isso, deve ser encarado como enfermo, requisitando carinho e tratamento.”

13. CAUSA DA POSSESSÃO

Na derradeira metade do século findo (XIX), Pedro era um médico que abusara da missão de curar. Uma análise mental particularizada identificá-lo-ia em numerosas aventuras menos dignas. O perseguidor que presentemente lhe domina as energias era-lhe irmão consangüíneo cuja esposa nosso doente de agora procurou seduzir. Para isso, insinuou-se de formas diversas, além de prejudicar o irmão em todos seus interesses econômicos e sociais, até incliná-lo à internação num hospício, onde estacionou, por muitos anos, aparvalhado e inútil, à espera da morte. Desencarnando e encontrando-o na posse da mulher, desvairou-se no ódio que passou a nutrir-se. Martelou-lhes, então, a existência e guardou-o, além túmulo, onde os três se reuniram em angustioso processo de regeneração. A companheira, menos culpada, foi a primeira a retornar ao mundo, onde mais tarde recebeu o médico delinqüente nos braços maternos, como seu próprio filho, purificando o amor de sua alma. O irmão atraído de outro tempo, todavia, ainda não encontrou forças para modificar-se e continua vampirizando-o, obstinado no ódio a que se rendeu impensadamente.

14. TRATAMENTO APLICADO

Percebendo a dificuldade para atingir o obsessor com a palavra falada, Dona Celina, com o auxílio de nosso orientador, formulou vibrante prece, implorando a Compaixão Divina para os infelizes companheiros que ali se digladiavam inutilmente.

As frases da venerável amiga libertavam jactos de força luminescente a lhe saltarem das mãos e a envolver em sensações de alívio os participantes do conflito. Vimos que o perseguidor, qual se houvesse aspirado alguma substância anestésica, se despreendeu automaticamente da vítima, que repousou enfim, num sono profundo e reparador.

Guardas e socorridos conduziram o obsessor semi-adormecido a um local de emergência.

E enquanto Dona Celina ministrava um pouco d'água fluidificada à genitora do enfermo, chorosa e assustada, retornamos à conversação cordial.

15. TEMPO PARA A CURA DE PEDRO

Dependerá muito dele e da vítima com quem se encontrava endividado. A assimilação de princípios mentais renovadores determina mais altas visões da vida. Todos os dramas obscuros da obsessão decorrem da mente enfermiça. Aplicando-se com devotamento às novas angariações de que será investido, caso pense que no grupo da nossa Consoladora Doutrina, sem dúvida observará o tempo de expiação a que se acha sujeito, de vez que, em se convertendo ao bem, modificará o tônus mental do adversário, que se verá prostrado à própria renovação pelos seus exemplos de compreensão e renúncia, humildade e fé. Ainda assim, depois de se extinguirem aos acessos de possessão, Pedro sofrerá os reflexos de desequilíbrio em que se envolveu, a se exprimirem nos fenômenos mais leves da epilepsia secundária, que emergirão, por algum tempo, ante as simples recordações mais fortes de luta que vem atravessando, até o integral reajuste do corpo perispirítico.

16. O FUTURO MEDIÚNICO DE PEDRO

Com esforço da vontade é possível apressar a solução de muitos enigmas e reduzir muitas dores. O assunto, porém, é de foro íntimo... Estejamos, entretanto, convencidos de que as sementes de luz jamais se perdem. Os médiuns que hoje se lançam a tremendas provas, se persistirem na plantação de melhores destinos, transformar-se-ão em valiosos trabalhadores no futuro que a todos aguarda em abençoadas reencarnações de engrandecimento e progresso... – afirmou Áulus.

DESDOBRAMENTO DE CASTRO

1. LIVRO

Nos Domínios da Mediunidade – Cap. XI.

2. LOCAL

No Centro Espírita onde Raul Silva era o dirigente encarnado.

3. MÉDIUM

Antônio Castro, que foi apresentado por Áulus no Cap. III do livro em estudo, como possuidor das seguintes características:

“– Este é o nosso colaborador Antônio Castro, moço bem intencionado e senhor de valiosas possibilidades em nossas atividades de permuta. Sonâmbulo, no entanto, é de uma passividade que nos requer grande vigilância. Desdobra-se com facilidade, levando a efeito preciosas tarefas de cooperação conosco, mas ainda necessita de maiores estudos e mais amplas experiências para expressar-se com segurança, acerca das próprias observações. Por vezes, comporta-se, fora da matéria densa à maneira de uma criança, comprometendo-nos a ação. Quando empresta o veículo a entidades dementes ou sofredoras, reclama-nos cautela, porquanto quase deixa o corpo à mercê dos comunicantes, quando lhe compete o dever de ajudar-nos na contenção deles, a fim de que o nosso tentame de fraternidade não lhe traga prejuízo à organização física. Será porém, valioso auxiliar em nossos estudos”.

4. EXTERIORIZAÇÃO DE CASTRO

Passemos ao relato feito por André Luiz no cap. XI de Nos Domínios da Mediunidade:

“– Chegara a vez do médium Antônio Castro.

Profundamente concentrado, denotava a confiança com que se oferecia aos objetivos de serviço. Aproximou-se dele o irmão Clementino e, à maneira de magnetizador comum, impôs-lhe as mãos aplicando-lhe passes de longo circuito. Castro como que adormeceu devagarinho, inteiriçando-se-lhe os membros. Do tórax emanava com abundância um vapor esbranquiçado que, em se acumulando à feição de uma nuvem,

depressa se transformou, à esquerda do corpo denso, numa duplicata do médium, em tamanho ligeiramente maior. Nosso amigo como que se revelava mais desenvolvido, apresentando todas as particularidades de sua forma física, apreciavelmente dilatadas. Desejei ensaiar algumas indagações, contudo, a dignidade do serviço impunha-me silêncio. O diretor espiritual da casa, submetia o mediano a delicada intervenção magnética que não seria lícito perturbar ou interromper. O médium, assim desligado do veículo carnal, afastou-se dois passos, deixando ver o cordão vaporoso que o prendia ao campo magnético.

Enquanto o equipamento fisiológico descansava, imóvel, Castro, tateante e assombrado, surgiu junto de nós, numa cópia estranha de si mesmo, porquanto, além de maior em sua configuração exterior, apresentava-se azulada à direita e alaranjada à esquerda. Tentou movimentar-se, contudo, parecia pesado e inquieto... Clementino renovou as operações magnéticas e Castro, desdobrado, recuou, como que se justapondo novamente ao corpo físico. Verifiquei, então, que desse contato resultou singular diferença. O corpo carnal engolira, instintivamente, certas faixas de forças que imprimiam manifesta irregularidade ao perispírito, absorvendo-as de maneira incompreensível para mim. Desde esse instante, o companheiro, fora do vaso de matéria densa, guardou o porte que lhe era característico. Era, agora, bem ele mesmo, sem qualquer deformidade, leve e ágil, embora prosseguisse encadeado ao envoltório físico pelo laço aeriforme, que parecia mais adelgado e luminoso, à medida que Castro-Espírito se movimentava em nosso meio. Enquanto Clementino o encorajava com palavras amigas, o nosso orientador, certamente assinalando-nos a curiosidade, deu-se pressa em esclarecer:

– Com o auxílio do supervisor, o médium foi convenientemente exteriorizado. A princípio, seu perispírito ou “corpo astral” estava revestido com os eflúvios vitais que asseguram o equilíbrio entre a alma e o corpo de carne, conhecidos aqueles, em seu conjunto, como sendo o “duplo etérico”, formado por emanções-neuro-psíquicas que pertencem ao campo fisiológico e que, por isso mesmo, não conseguem maior afastamento da organização terrestre, destinando-se à desintegração, tanto quanto ocorre com o corpo carnal, por ocasião da morte renovadora. Para melhor ajustar-se ao nosso ambiente, Castro devolveu essas energias ao corpo inerte, garantindo assim o calor indispensável à colméia celular e desembaraçando-se, tanto quanto possível, para entrar no serviço que o aguarda.”

5. EXTERIORIZAÇÃO DA SENSIBILIDADE

Acompanhemos agora a observação de Hilário Silva e a explicação de Áulus sobre questão delicada e que já foi objeto de estudo por dedicados pesquisadores e amplamente analisado no livro “Da Alma Humana” de Antônio J. Freire:

“– Ah! – disse Hilário, com expressão admirativa – aqui vemos, desse modo, a exteriorização da sensibilidade!”

“– Sim, respondeu Áulus, se algum pesquisador humano ferisse o espaço em que se situa a organização perispirítica do nosso amigo, registraria ele, de imediato a dor do golpe que se lhe desfechasse, queixando-se disso, através da língua física, porque, não obstante liberto do vaso somático, prossegue em comunhão com ele, por intermédio do laço fluídico de ligação.” Observei atentamente o médium projetado no nosso círculo de trabalho. Não envergava o costume azul e cinza de que se vestia no recinto, mas sim um roupão esbranquiçado e inteiriço que descia dos ombros até o solo, ocultando-lhe os pés, e dentro do qual se movia deslizante. Áulus registrou-me as anotações íntimas e esclareceu:

“– Nosso irmão, com a ajuda de Clementino, está usando as forças ectoplásmicas que lhe são próprias, acrescidas com os recursos de cooperação do ambiente em que nos achamos. Semelhantes energias transudam de nossa alma, conforme a densidade específica de nossa própria organização, variando desde a sublime fluidez da irradiação luminescente até a substância pastosa com que se operam nas crisálidas os variados fenômenos da metamorfose.”

6. A VIAGEM

O médium mais à vontade fora do corpo denso, continua André Luiz, recebia as instruções de Clementino, paternal: Dois guardas aproximaram-se dele e lhe aplicaram à cabeça um capacete em forma de antolhos. “– Para a viagem que fará – avisou-nos o Assistente – Castro não deve dispersar a atenção. Incipiente ainda nesse gênero de tarefa, precisa instrumentação adequada para reduzir a própria capacidade de observação, de modo a interferir o menos possível na tarefa a executar.”

Vimos o rapaz plenamente desdobrado alçar-se ao espaço, de mãos dadas com ambos os vigilantes. O trio volitou em sentido oblíquo, sob nossa confiante expectativa. Desde esse momento, demonstrando manter segura comunhão com o veículo carnal, ouvimo-lo dizer através da boca física:

“– Seguimos por um trilho estreito e escuro!... Oh! Tenho medo, muito medo... Rodrigo e Sérgio amparam-me na excursão, mas sinto medo!... Tenho a idéia de que nos achamos em pleno nevoeiro...”

Estampando no rosto sinais de angústia e estranheza, continuava:

“– Que noite é esta?... A escuridão parece pesar sobre nós!... Ai de mim! Vejo formas desconhecidas agitando-se embaixo, sob nossos pés!... não suporto, vou voltar!... Não posso prosseguir!... Não suporto, não suporto!...”

Mas Raul, sob a inspiração do mentor da casa, elevou o padrão vibratório do conjunto, numa prece fervorosa em que rogava do Alto forças multiplicadas para o irmão em serviço.

“– A oração do grupo, acompanhando-o na excursão e transmitida a ele, de imediato, constituiu-lhe abençoado tônico espiritual.”

“– Ah! Sim, meus amigos – prosseguia Castro, qual se o corpo físico lhe fosse um aparelho radiofônico para comunicações a distância –, a prece de vocês atua sobre mim como se fosse um chuveiro de luz... Agradeço-lhes o benefício!... Estou reconfortado... Avançarei!” Interpondo os fatos sob nossa observação, o Assistente explicou:

“– Raros espíritos encarnados conseguem absoluto domínio de si próprio, em romagens de serviço edificante fora do corpo de matéria densa. Habitados à orientação pelo corpo físico, ante qualquer surpresa menos agradável, na esfera de fenômenos inabituais, procuram instintivamente o retorno ao vaso carnal, à maneira de molusco que se refugia na própria concha, diante de qualquer impressão em desacordo com os seus movimentos rotineiros. Castro, porém, será treinado para a prestação de valioso concurso aos enfermos de qualquer posição.”

7. O CONTATO COM OLIVEIRA

Continuemos com o relato de André Luiz:

“– Que alívio! – transmite Castro – Rompemos a barreira de trevas!... A atmosfera está embalsamada de leve aroma!... Brilham as estrelas novamente... Oh! É a cidade de luz... Torres fulgurantes elevam-se para o firmamento! Estamos penetrando um grande parque!... Oh! Meu Deus! Quem vejo aqui a sorrir-me... É o nosso Oliveira! Como está diferente! Mais moço, muito mais moço...”

Lágrimas copiosas banharam o rosto do médium, comovendo-nos a todos. No gesto de quem se entregava a um abraço carinhoso, de coração a coração, o mediano continuou:

“– Que felicidade! Que felicidade!... Oliveira, meu amigo, que saudades de você!... Por que razão teríamos ficado assim sem a sua cooperação? Sabemos que a vontade do Senhor deve prevalecer, mas a distância tem sido para nós um tormento!... A lembrança de seu carinho vive em nossa casa... Seu trabalho permanece entre nós como inesquecível exemplo de amor cristão!... Volte! Venha incentivar-nos na sementeira do bem!... Amado amigo, nós sabemos que a morte é própria vida, no entanto, sentimos sua falta!...”

A voz do viajante, que se fazia ouvir de tão longe, entrecortava-se agora de doloridos soluços. O próprio Raul Silva mostrava igualmente os olhos marejados de pranto.

Áulus deu-nos a conhecer quanto ocorria.

“– Oliveira foi um abnegado trabalhador neste santuário do Evangelho – explicou. – Desencarnado há dias, e Castro, com aquiescência dos orientadores, foi apresentar-lhe as afetuosas saudações dos companheiros.

Demora-se no refazimento, ainda inapto a comunicação mais íntima com os irmãos que ficaram. Mas poderá enviar a sua mensagem, por intermédio do companheiro que o visita.”

“– Abrace-me, sim, querido amigo! – prosseguia Castro, com inenarrável inflexão de ternura fraterna – Estou pronto!... Direi o que você deseja... Fale e repetirei!”

8. A MENSAGEM DE OLIVEIRA

E recompondo-se, na atitude de quem se devia fazer intermediário digno, modificou a expressão fisionômica, falando cadenciadamente para os circunstantes:

“– Meus amigos, que o Senhor lhes pague. Estou bem, mas na posição de convalescente, incapaz de caminhada mais difícil! Indiscutivelmente, não mereço as dádivas recebidas, pois me vejo no Grande Lar, amparado por afeições inolvidáveis e sublimes! As preces do nosso grupo alcançam-me cada noite, como projeção de flores e bênçãos! Como expressar-lhes gratidão se a palavra terrestre é sempre pobre para definir os grandes sentimentos de nossa vida? Que o Pai os recompense!...”

Aqui, onde me encontro, vim reconhecer mais uma vez a minha desvalia e agora concluo que todos os nossos sacrifícios na causa do bem são bagatelas, comparadas à munificência da Divina Bondade... Meus amigos, a caridade é o grande caminho! Trabalhem!... Jesus nos abençoe!...”

9. A RETOMADA DO CORPO

A voz de Castro, apagou-se-lhe nos lábios e, daí a instantes vimo-lo regressar, amparado pelos irmãos que o haviam conduzido, retomando o corpo denso, com naturalidade.

Reajustando-se, qual se o vaso físico o absorvesse, de inopino, acordou na esfera carnal, na posse de todas as suas faculdades normais, esfregando os olhos, como quem desperta de grande sono. O desdobramento em serviço estava findo e com a tarefa terminada havíamos recolhido preciosa lição.

CLARIVIDÊNCIA E CLARIAUDIÊNCIA

1. LIVRO

Nos Domínios da Mediunidade – Cap. XII.

2. LOCAL

Centro Espírita em que Raul Silva era o dirigente encarnado.

3. FASE DA REUNIÃO

Nos preparativos de encerramento, após duas horas de trabalho.

4. ESPÍRITO INSTRUTOR

Áulus que orientava os Espíritos André Luiz e Hilário Silva.

5. FLUIDIFICAÇÃO DAS ÁGUAS – Acompanhem a descrição de André Luiz:

Pequeno cântaro de vidro, com água pura, foi trazido à mesa. E porque Hilário perguntasse se iríamos assistir a alguma cerimônia especial, o Assistente Áulus explicou:

“– Não, nada disso. A água potável destina-se a ser fluidificada. O líquido simples receberá recursos magnéticos de subido valor para o equilíbrio psico-físico dos circunstantes.”

Com efeito, mal acabávamos de ouvir o apontamento, Clementino se abeirou do vaso e, de pensamento em prece, aos poucos se nos revelou coroadado de luz.

Daí a instantes, de sua destra espalmada sobre o jarro partículas radiosas eram projetadas sobre o líquido cristalino que as absorvia de maneira total.

“– Por intermédio da água fluidificada – continuou Áulus – precioso esforço de medicação pode ser levado a efeito. Há lesões e deficiências no veículo espiritual a se estamparem no corpo físico, que somente a intervenção magnética consegue aliviar, até que os interessados se disponham à própria cura.”

6. PREPARAÇÃO PARA VIDÊNCIA E AUDIÇÃO

O assistente silenciou, porquanto a palavra de Silva se fez ouvir, recomendando aos médiuns observasse, através da vidência e da audição, os ensinamentos que porventura fossem, naquela noite, ministrados ao grupo pelos amigos espirituais da casa.

Reparamos que Celina, Eugênia e Castro aguçaram as suas atenções.

Clementino, findo o preparo da água medicamentosa, consagrou-lhes maior carinho, aplicando-lhes passes na região frontal.

“– Nosso amigo – esclareceu o Assistente – procura ajudar os nossos companheiros de mediunidade, favorecendo-lhes o campo sensório. Não lhes convêm, por agora, a clarividência e clariaudiência demasiado abertas. Na esfera dos espíritos reencarnados, há que dosar observações para que não venhamos a ferir os impositivos da ordem. Cada qual de nós deve estar em sua faixa de serviço, fazendo o melhor ao seu alcance. Imaginemos um aparelho radiofônico terrestre, coletando todas as espécies de onda, em movimento de captação simultânea. O proveito e a harmonia da transmissão seriam realmente impraticáveis, e não haveria propósito construtivo na mensagem. Um médium, pois, não deve demorar-se com todas as solicitações do meio em que se situa, sob pena de arrojarem as suas impressões ao desequilíbrio, a menos quando, por sua própria evolução, consiga sobrepassar ao campo do trabalho,

dominando as influências do meio e selecionando-as, segundo o elevado critério de quem já consegue orientar-se para o bem e orientar aqueles que o acompanham.

7. VARIAÇÕES NA PERCEPÇÃO – TEORIA

Hilário refletiu um momento e indagou:

“– Os trabalhos mediúnicos, porém, são rigorosamente iguais nos três instrumentos sob o nosso exame?”

“– Isso não. O círculo de percepção varia em cada um de nós. Há diferentes gêneros de mediunidades; contudo, importa reconhecer que cada Espírito vive em determinado degrau de crescimento mental e, por isso, as equações do esforço mediúnico diferem de indivíduo para indivíduo, tanto quanto as interpretações de vida se modificam de alma para alma. As faculdades medianímicas podem ser idênticas em pessoas diversas, entretanto, cada pessoa tem a sua maneira particular de empregá-las. Um modelo, em muitas ocasiões, é o mesmo para grande assembléia de pintores, todavia, cada artista fixa-lo-á na tela a seu modo. Uma Lâmpada exibirá claridade líria, em jato contínuo, mas se essa claridade for filtrada por focos múltiplos, decerto estará submetida à cor e ao potencial de cada um desses filtros, embora continue sendo sempre a mesma lâmpada a fulgar em seu campo central de ação. Mediunidade é sintonia e filtragem. Cada espírito vive entre as forças com as quais se combina, transmitindo-as segunda as concepções que lhe caracterizam o modo de ser.”

8. OLHOS E OUVIDOS NA CLARIVIDÊNCIA E CLARIAUDIÊNCIA

“– A clarividência e clariaudiência acaso estão localizadas exclusivamente nos olhos e ouvidos da criatura reencarnada? – Perguntou Hilário.”

Áulus acariciou-lhe a cabeça e acentuou:

“– Hilário, vê-se que você está começando a jornada no conhecimento superior. Os olhos e os ouvidos materiais estão para a vidência e para a audição como os óculos estão para os olhos e o amplificador de sons para os ouvidos – simples aparelhos de complementação. Toda percepção é mental. Surdos e cegos na experiência física, convenientemente educados, podem ouvir e ver, através de recursos diferentes daqueles que são vulgarmente utilizados. A onda hertziana e os raios X vão ensinando aos homens que há luz muito além das acanhadas fronteiras vibratórias em que eles se agitam, e o médium é sempre alguém dotado de possibilidades neuro-psíquicas especiais que lhe estendem o horizonte dos sentidos.”

Meu companheiro fixou o gesto de quem aproveita a lição, mas objetou, reverente:

“– Desejava, porém, saber se Dona Celina, por exemplo, está enxergando o irmão Clementino e ouvindo-o tão-somente pelo processo curial de percepção da Terra.”

“– Sim, isso acontece, por uma questão de costume cristalizado. Celina pensa ouvir o supervisor através dos condutos auditivos, e supõe vê-lo, como se o aparelho fotográfico dos olhos estivesse em conexão com o centro da memória, no entanto, isso resulta do hábito. Ainda mesmo no campo de impressões comuns, embora a criatura empregue os ouvidos e os olhos, ela vê e ouve com o cérebro, e apesar de o cérebro usar as células do córtex para selecionar os sons e imprimir as imagens, quem vê e ouve, na realidade, é a mente.

Todos os sentidos na esfera fisiológica pertencem à alma, que os fixa no corpo carnal, de conformidade com os princípios estabelecidos para a evolução dos Espíritos reencarnados na Terra.”

“– Vocês possuem uma prova disso, quando o homem se encontra naturalmente desdobrado, cada noite, durante o sono, vendo e ouvindo, a despeito da inatividade dos órgãos carnis, na experiência a que chama ‘vida de sonho’.”

9. UMA FRASE E TRÊS REGISTROS DIFERENTES

“– Centralizemos mais atenção na prece, adestrando-nos para o serviço do bem!”

Esta frase foi pronunciada por Clementino, em voz clara e pausada, como a oferecer uma base única para a convergência de nossas cogitações.

Atento, porém, aos nossos objetivos de estudo, acompanhei os médiuns mais diretamente interessados no apelo:

a – Dona Celina registrara as palavras com precisão e guardava a atitude do aluno disciplinado.

-
- b – Dona Eugênia assimilara-as, em forma de ordem intuitiva, e mostrava-se na condição do aprendiz criterioso.
 - c – Castro, contudo, não se recolhera nem de leve.

10. A MESMA LIGAÇÃO E TRÊS DIFERENTES PERCEPÇÕES

Observei que sutilmente ligados à faixa fluídica de Clementino, os três médiuns, cada qual a seu modo, lhe acusavam a presença, – continuou André Luiz.

- a – Dona Celina anotava-lhe os mínimos movimentos, à maneira do discípulo diante do professor;

- b – Dona Eugênia lhe assinala a vizinhança com menos facilidade, qual se o distinguisse imperfeitamente, através de um lençol de nebulosidade;

- c – Castro, embora o visse com perfeição, parecia completamente alheio à influência do instrutor.

“As possibilidades de Celina e Castro, na clarividência e na clariaudiência, são por enquanto mais vastas que em nossa irmã Eugênia – esclareceu Áulus, prestimoso. – Acham-se os três levemente submetidos ao comando magnético de Clementino e podem identificar-lhe a presença, com analogia de observações, porque, nas circunstâncias em que operam, estão agindo como pessoas comuns utilizando-se da percepção habitual.”

11. INDIFERENÇA MENTAL DE CASTRO

“– Entretanto – aduziu Hilário –, se o trio foi colocado sob a ordenação magnética do supervisor, por que motivo nossas amigas lhe acataram o convite, enquanto Castro se mantém visivelmente impermeável a ele?”

“– O mentor do recinto exerce apenas branda influência, abdicando de qualquer pressão mais forte, suscetível de provocar viciosa imaginação, em desfavor de nossos amigos – disse Áulus, convicto. – Além disso a mente de Castro passou, de súbito, a alimentar propósitos diferentes. Incapaz de concentrar a atenção, de modo irrepreensível, na região superior do trabalho que nos compete levar a efeito, de momento não se revela interessado em satisfazer ao programa de Clementino, mas sim em provocar um reencontro com a progenitora desencarnada. Enxerga o orientador do conjunto, como quem é consternado a ver alguém de passagem, todavia, sem qualquer preocupação de escuta-lo ou servi-lo, confinado como se encontra às emoções do jardim doméstico. Basta a indiferença mental para que nada ouça do que mais interessa agora o esforço coletivo da reunião.” Evidentemente desejoso de definir a lição, no quadro de nossos conhecimentos terrestres, acrescentou:

“– É uma antena que se insensibilizou, de improviso, recusando sintonizar-se com a onda que a procura.”

12. LIÇÃO DE DISCIPLINA DE CELINA

Nesse instante, vimos que um companheiro simpático de nosso plano avançou do círculo de espectadores, abeirando-se de Dona Celina e chamando-a, discreto. A nobre criatura ouviu-lhe a voz, mas não se voltou para trás. Entretanto, respondeu-lhe em pensamento numa frase que se fez perfeitamente audível para nós:

“– Encontrar-nos-emos mais tarde.”

Áulus informou, presto:

“– É o esposo desencarnado de nossa irmã que a visita, com afetuosa solicitação, contudo, disciplinada quanto é, Celina sabe renunciar ao conforto de ouvi-lo a fim de colaborar no êxito da reunião com maior segurança.”

13. DESDOBRAMENTO INDISCIPLINADO DE CASTRO

Logo após, vimos Castro desdobrar-se de novo, auxiliado agora simplesmente pelo forte desejo de ausentar-se do círculo e, revestido das emanções que lhe desfiguravam o perispírito, caminhou, hesitante ao encontro de uma entidade amiga que o aguardava a pequena distância.

Nosso cooperador – falou o Assistente –, menos habituado à disciplina edificante, julga que já fez o possível em favor dos trabalhos programados para esta noite, e põe-se no encaço da mãezinha, que vem sendo beneficiada em nossa organização.

14. VIBRAÇÕES SEM PALAVRAS

Clementino, à cabeceira da assembléia, estendeu os braços e colocou-se em preces.

Cintilações de safirino esplendor revestiam-lhe agora o busto, dando-nos a impressão de que o abnegado benfeitor se convertera num anjo sem asas.

Em momentos ligeiros, verdadeiro jorro solar desceu do alto, coroando-lhe a fronte e, de suas mãos, passo a irradiar-se prodigiosa forma de lua, que nos enlaçava a todos, encarnados e desencarnados, prodigalizando-nos a sensação de indescritível bem-estar.

Nada consegui dizer, não obstante as perquirições que me enfuziavam o pensamento.

O êxtase do mentor impelia-nos a respeitosa mudez.

Aqueles minutos de vibração sem palavras representavam precioso manancial de energias restauradoras para quantos lhe abrissem as portas do espírito. É o que eu conseguia depreender pelo revigoramento de minhas próprias forças.

15. QUADROS DE VIDÊNCIA NÃO CONFIRMADOS PELOS ESPÍRITOS ANDRÉ LUIZ E HILÁRIO SILVA

Acompanharemos o relato de André Luiz, quanto as ocorrências no grupo encarnado, logo após a prece de Clementino no plano Espiritual:

“Dona Celina rogou licença para notificar que vira surgir no recinto um ribeiro cristalino, em cuja corrente muitos enfermos se banhavam, e Dona Eugênia seguiu-a, explicando que chegara a contemplar um edifício repleto de crianças, entoando hinos de louvor a Deus.

Registramos semelhantes comunicados com surpresa.

Nada víamos ali que pudesse recordar sequer de longe um córrego de águas curativas ou algum pavilhão de serviço à infância.

A sala era demasiado pequena para comportar cenários. Fitando-me, intrigado, Hilário parecia perguntar se as duas médiuns não estariam sob o influxo de alguma perturbação momentânea.”

16. ÁULUS EXPLICA: DUAS ORIGENS PARA OS FENÔMENOS DE VIDÊNCIA

Assinalando-nos a estranheza, continua André Luiz, o Assistente considerou:

“– Importa não esquecer que ambas encontram-se na faixa magnética de Clementino, fixando as imagens que a mente dele lhes sugere. Viram-lhes os pensamentos, relacionados com a obra de amparo aos doentes e com a formação de uma escola, que a instituição pretende, em breve, mobilizar no socorro ao próximo. Idéias, elaboradas com atenção, geram formas, tocadas de movimento, som e cor, perfeitamente perceptíveis por todos aqueles que se encontrem sintonizados na onda em que se expressam. Não podemos olvidar que há fenômenos de clarividência e clariaudiência que partem da observação ativa dos instrumentos mediúnicos, identificando a existência de pessoas, paisagens e coisas exteriores a eles próprios, qual acontece na percepção terrestre vulgar, e existem aqueles que decorrem da sugestão que lhes é trazida pelo pensamento criador dos amigos desencarnados ou encarnados, estímulos esses que a mente de cada médium traduz, segundo as possibilidades de que dispõe, favorecendo, por isso mesmo, as mais díspares interpretações.”

“– Oh! – exclamou Hilário, entusiasmado – temos aí a técnica dos obsessores quando improvisam para as suas vítimas variadas impressões alucinatórias...”

“– Sim, sim... – confirmou o Assistente. É isso mesmo. No entanto, evitemos a conversação agora. O trabalho da reunião vai terminar.”

COMUNICAÇÃO TELEDINÂMICA MENTAL

1. LIVRO

Nos Domínios da Mediunidade – Cap. XIII.

2. LOCAL

Centro Espírita dirigido por Raul Silva.

3. FASE DA REUNIÃO

Mensagem final do mentor para o término da reunião.

4. ESPÍRITO COMUNICANTE

Benfeitor que, apesar de ausente do ambiente desse Centro Espírita, sob o ponto de vista espacial, entrará em comunhão conosco através dos fluidos teledinâmicos que o ligam à mente da médium, explicou o espírito instrutor Áulus.

5. SINTOMAS DA MÉDIUM

Sobre a cabeça de Dona Celina apareceu brilhante feixe de luz. Desde esse instante mostrou-se estática, completamente desligada do corpo físico, cercada de azulíneas irradiações.

Jato de safirina luz se fez mais abundante a espraiar-se em todos os ângulos do recinto.

O rosto da médium refletiu uma ventura misteriosa e ignorada na Terra.

O júbilo que a possuiu contagiou a todos os presentes na reunião.

A voz de Dona Celina ressoou clara e comovente, iniciando a comunicação.

6. COMPARAÇÃO DE ÁULUS

A pedido de Hilário Silva, Áulus explica a possibilidade deste tipo de comunicação, fazendo a seguinte comparação:

“– Lembrem-se da radiofonia e da televisão, hoje realizações amplamente conhecidas no mundo. Um homem, de cidade a cidade, pode ouvir a mensagem de um companheiro e vê-lo ao mesmo tempo, desde que ambos estejam em perfeita sintonia, através do mesmo comprimento de onda. Celina conhece a sublimidade das forças que a envolvem e entrega-se, confiante, assimilando a corrente mental que solicita. Irradiará o comunicado-lição, automaticamente, qual acontece na psicofonia sonambúlica, porque o amigo espiritual lhe encontra as células cerebrais e as energias nervosas quais teclas bem ajustadas de um piano harmonioso e dócil.”

7. TRECHOS DA MENSAGEM DO BENFEITOR COMUNICANTE

a – Em matéria de mediunidade, não nos esqueçamos do pensamento;

b – A gravitação no campo mental é tão incisiva, quanto na esfera da experiência física;

c – Imaginar é criar. E toda criação tem vida e movimento, ainda que ligeiros, impondo responsabilidade à consciência que a manifesta. E como a vida e o movimento se vinculam aos princípios da permuta, é indispensável analisar o que damos, a fim de ajuizar quanto àquilo que devemos receber;

d – É da forja viva da idéia que saem as asas dos anjos e as algemas dos condenados;

e – A mediunidade torturada não é senão o enlace de almas comprometidas em aflitivas provações nos lances de reajuste;

f – E para abreviar o tormento que flagela de mil modos a consciência reencarnada ou desencarnada, quando nas grades expiatórias, é imprescindível atender à renovação mental, único meio de recuperação da harmonia;

g – Ninguém é realmente espírita à altura desse nome, tão só porque haja conseguido a cura de uma escabiose renitente, com o amparo de entidades amigas, e se dedica, por isso, a aceitar a intervenção do Além-Túmulo na sua existência; e ninguém é médium, na elevada conceituação do termo, somente porque se faça órgão de comunicação entre criaturas visíveis e invisíveis.

Para conquistar a posição de trabalho a que nos destinamos, de conformidade com os princípios superiores que nos enaltecem o roteiro, é necessário concretizar-lhe a essência em nossa estrada, por intermédio do testemunho de nossa conversão ao amor santificante.

h – Os grandes artistas sabem colocar a centelha de gênio numa simples pincelada, num reduzido bloco de mármore ou na mais ingênua composição musical. As almas realmente convertidas ao

Cristo lhe refletem a beleza de uma frase curta, na ignorada cooperação em favor dos semelhantes o na renúncia silenciosa que a apreciação terrestre não chega a conhecer.

Nossos pensamentos geram nossos atos e nossos atos, pensamentos nos outros.

Inspiremos simpatia e elevação, nobreza e bondade, junto de nós, para que não nos falte amanhã o precioso pão da alegria.

i – Mediação entre dois planos diferentes, sem elevação de nível moral, é estagnação na inutilidade. O pensamento é tão significativo na mediunidade, quanto o leito é importante para o rio. Pondo as águas puras sobre um leito de lama pútrida e não tereis senão a escura corrente da viciação.

j – Para atingir esse aprimoramento ideal é imprescindível que o detentor de faculdades psíquicas não se detenha no simples intercâmbio. Ser-lhe-á indispensável a consagração de suas forças às mais altas formas de vida, buscando na educação de si mesmo e no serviço desinteressado em favor do próximo o material de pavimentação de sua própria senda.

l – Não basta ver, ouvir ou incorporar Espíritos desencarnados, para que alguém seja conduzido à respeitabilidade;

m – Atentemos, pois, para a obrigação de auto-aperfeiçoamento. Sem compreensão e sem bondade, irmanar-nos-emos aos filhos desventurados da rebeldia. Sem estudo e sem observação, demorar-nos-emos indefinidamente entre os infortunados expoentes da ignorância. Amor e sabedoria são asas com que faremos nosso vôo definitivo, no rumo da perfeita comunhão com o Pai Celestial.

OBS.: Convidamos a que todos leiam a íntegra desta mensagem, sobremaneira importante, no Cap. XIII do Livro em estudo.